

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

LUJAN FRAGOSO DE FARIAS JÚNIOR

CIENTISTAS SOCIAIS EM FORMAÇÃO PELA UFPE:

Quem são e para onde querem ir?

RECIFE

2023

LUJAN FRAGOSO DE FARIAS JÚNIOR

CIENTISTAS SOCIAIS EM FORMAÇÃO PELA UFPE:

Quem são e para onde querem ir?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Maria
Monteiro da Fonte

RECIFE

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Farias Junior, Lujan Fragoso de .

Cientistas Sociais em formação pela UFPE: Quem são e para onde querem ir?
/ Lujan Fragoso de Farias Junior. - Recife, 2023.
62 : il., tab.

Orientador(a): Eliane Maria Monteiro da Fonte
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Ciências Sociais -
Bacharelado, 2023.

Inclui referências, apêndices.

1. Sociologia das Profissões. 2. Cientistas sociais no mundo do trabalho. 3.
Motivações e aspirações profissionais. 4. Visões sobre as ciências sociais. 5.
Identidades profissionais. I. Fonte, Eliane Maria Monteiro da. (Orientação). II.
Título.

300 CDD (22.ed.)

LUJAN FRAGOSO DE FARIAS JÚNIOR

CIENTISTAS SOCIAIS EM FORMAÇÃO PELA UFPE:

Quem são e para onde querem ir?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Aprovado em: 15/02/2023

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Maria Monteiro da Fonte (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Francisco Jatobá de Andrade (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profa. Dra. Júlia Figueredo Benzaquen (Examinadora Externa)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

À minha tia, Mirian Pereira de Mendonça (*in memorian*),
a quem o título obtido através da entrega deste trabalho mais alegraria [alegrará!].

AGRADECIMENTOS

Há quem afirme, com boa dose de razão, que a trajetória acadêmica – especialmente para cientistas sociais – seja demasiadamente solitária. A contradição em estudar e participar de um curso que fala sobre “gente” e perceber-se cada vez mais avesso/a às pessoas é realmente um fenômeno a ser estudado (risos). Fato é que, dentro da minha não tão breve trajetória na graduação, acredito ter direcionado menos atenção a “dissecar” indivíduos, ou gabaritar teorias, do que a conhecer diferentes pessoas e vivenciar a universidade. Por isso, em agradecimento, destaco aqui os espaços e toda a gente que me fez “cientista social”.

Começo agradecendo à minha mãe, Elcy Mendonça do Nascimento, por estar me transmitindo como herança, além da vida e do seu rosto, um dos mais nobres valores que se pode proporcionar a um ser humano: a educação (formal e aquela que se realiza no convívio interpessoal). É por nós que brevemente estarei ingressando em um curso de mestrado! Ao mencioná-la, como uma pessoa que se orgulha de ser “criada por vó”, não posso deixar de agradecer também à minha tia Mirian Pereira e à Maria do Carmo (Carminha) por todo o zelo, carinho e proteção a mim destinados. Vocês foram (e são) o meu amuleto e o meu lar! Não obstante, por ser o “caçula” da família, expresso aqui os mais sinceros agradecimentos à Yasmin Mendonça, minha irmã, que me desejou a vida, e quem é hoje minha principal incentivadora e parceira, acompanhando meu ingresso na universidade, minha primeira bolsa de estudos, entre outros momentos importantes na minha caminhada pessoal e acadêmica.

Agradeço, também, a quem me ajudou a entrar na universidade. Por isso, faço questão de mencionar a EREM (agora ETE) Porto Digital, em especial o nome das/os educadoras/es Laura Reis, José Alexandre, Sônia Cristina, Abenilzo José e Rodrigo B’Ezerra. Foi graças aos esforços da Profa. Laura que eu descobri que cientistas podiam até ser malucos (risos), mas nem todas/os precisavam usar jaleco e mexer com vidrarias – era possível se profissionalizar como cientista em humanidades! Por fim, mas não menos importante, estendo os agradecimentos a Andrezza Melo, minha *bestie* suprema, pela amizade sincera desde aqueles intensos anos de ensino médio sabor paçoca até os difíceis momentos da vida jovem adulta.

Entrando no “mundinho UFPE”, começo agradecendo à minha queridíssima orientadora, Eliane da Fonte, por acolher, sem distinção, minha lucidez e minha loucura. Você é meu exemplo de pesquisadora social e servidora pública e sem sua colaboração e atenção irrestrita este trabalho não teria sido entregue em tempo hábil. Sigo os agradecimentos mencionando a primeira professora com quem tive contato no curso de graduação, Eliane Veras.

Foi você quem nos apresentou a sociologia e até hoje me instiga a fazê-la, à meu modo, através da nossa mais preciosa habilidade enquanto cientistas sociais – a imaginação sociológica. Destaco aqui, também, as/os professoras/es Francisco Jatobá, por seus incansáveis esforços em tornar os métodos quantitativos mais simpáticos, em fazer-nos entender que é possível ganhar dinheiro com as ciências sociais (risos), e, principalmente, por toda a atenção e carinho a mim sempre dirigidos; Cynthia Hamlin, pela forte base em teoria social e epistemologia das ciências sociais a nós proporcionada; e Gabriel Peters, quem me oportunizou a primeira experiência de monitoria. Além destes, cito Soraia de Carvalho, Roberta Campos, Hugo Menezes, Ana Cláudia Rodrigues, Christina Gladys, Luciana Mendonça, Gustavo Gomes, Maria Auxiliadora Ferraz, Mariana Batista, Leonardo Leal, Luciana Gama, Ricardo Santiago, Alex Vailati, Salete Cavalcanti, Céline Spinelli, Lady Selma Albernaz, Jônatas Ferreira, Caio Amorim, Jorge Ventura e, claro, Claudinete Rozendo: todas essas pessoas tornaram minha formação possível.

Além das/os docentes, preciso deixar meu super agradecimento a Mateus ‘Rams’ Souza, Marcos ‘Pepita’ César, Luana ‘Xuxu’ Lessa e Hannah ‘Biscoito’ Gabrielle. Nossa união, desde os primeiros dias de curso até o presente momento, é das coisas mais valiosas que me aconteceram nessa trajetória universitária. Falando em amizades e pessoas que as ciências sociais me apresentou, aproveito para mencionar Denilson Moraes, Denilson Aluízio, Lara Arruda, Lucylle Simões, Ramona Raíssa, Marcele de Moraes, Itamá Nascimento, Lucas Gabriel, Lívia Maria, Elaine Cristina, Thaynara Kelly, Mariana Cavalcanti, Maria Luiza Sagado, Judy Amorim e Thales Emiliano. Levo cada um/a de vocês comigo!

Lembrando agora dos espaços que me formaram enquanto profissional em ciências sociais, assunto principal desta monografia, agradeço ao PET Ciências Sociais, programa que me fez pessoa pesquisadora em ciências sociais através de um rico trabalho coletivo e colaborativo. Agradeço também ao Instituto PAPAI e GEMA, sobretudo a Benedito Medrado, Jorge Lyra, Thiago Rocha, Sirley Vieira, Carolina Barros, Patrícia Caetano, Junior Albuquerque e Mariana Azevedo, por demonstrarem o melhor exemplo de como reunir ensino-pesquisa-extensão em um projeto que é tão acadêmico quanto político. E, claro, agradeço às mais recentes parcerias feitas na TREE Diversidade, em especial à Verônica Vassalo, Patrícia Cabral, Letícia Rodrigues, JP Polo, Mônica Queiroz e Michelle Cerqueira, por me apresentarem novos mundos.

Agradeço a Deus, aos Orixás e a toda a espiritualidade que me mantém de pé.

E, por fim, como disse a cantora Anitta em sua apresentação no *Rock in Rio Lisboa* (2019), "quero muito agradecer a mim, porque eu não desisti".

RESUMO

Este trabalho teve como objetivos analisar aspectos do perfil social das/os estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais da Universidade Federal de Pernambuco, as suas motivações para a escolha dos cursos, aspirações profissionais e identidades profissionais acionadas a partir das visões conflitantes sobre ciências sociais. A discussão aqui empreendida tem como base de dados as informações coletadas na pesquisa coletiva do grupo PET (Programa de Educação Tutorial) de Ciências Sociais da UFPE entre os anos de 2018 e 2019, grupo ao qual estive vinculado durante o curso de graduação. Apostando na metodologia mista, o trabalho parte dos dados do *survey* e das entrevistas semiestruturadas realizadas com estudantes da graduação para oferecer um retrato dinâmico e plural sobre “quem é a/o cientista social em formação pela UFPE?” e “para onde ela/e quer ir?”. A partir dos aportes conceituais fornecidos pela sociologia das profissões, conceitos como “reserva de mercado” e “identidade profissional” são operacionalizados para auxiliar na análise dos dados. Entre os principais resultados, conseguimos visualizar que a busca pelas carreiras científicas (seja dentro da universidade ou em outras instituições públicas) se entrelaça a valores caros às/aos graduandas/os, sobretudo ao desejo por estabilidade; bem como que a identidade profissional das/os cientistas sociais, desde a graduação, se desenvolvem de maneira difusa e imprecisa. À guisa de conclusões, refletimos acerca de como posições unilaterais sobre “o que é” e “como se faz” ciências sociais no mundo do trabalho impedem que essa ciência, pluriparadigmática em termos epistemológicos, seja reconhecida e se reconheça também pela variedade de atividades possíveis a quem a escolhe como profissão.

Palavras-chave: Sociologia das Profissões; Cientistas sociais; Motivações profissionais; Aspirações profissionais; Socialização profissional; Identidade profissional.

ABSTRACT

This work aimed to analyze aspects of the social profile of undergraduate students of Social Sciences courses at the Federal University of Pernambuco, their motivations for choosing courses, professional aspirations and professional identities triggered from conflicting views on social sciences. The discussion undertaken here is based on data collected in the collective research of the PET (Tutorial Education Program) of Social Sciences at UFPE between the years 2018 and 2019, a group to which I was linked during the undergraduate course. Betting on a mixed methodology, the work uses survey data and semi-structured interviews with undergraduate students to offer a dynamic and plural portrait of “who is the social scientist in training at UFPE?” and “where does she/he want to go?”. Based on the conceptual contributions provided by the sociology of professions, concepts such as “market shelter” and “professional identity” are operationalized to assist in data analysis. Among the main results, we were able to visualize that the search for scientific careers (whether within the university or in other public institutions) is intertwined with values dear to undergraduates, especially the desire for stability; as well as that the professional identity of social scientists, since graduation, develops in a diffuse and imprecise way. In terms of conclusions, we reflect on how unilateral positions on “what it is” and “how it is done” social sciences in the world of work prevent this multiparadigm science in epistemological terms from being recognized and recognize itself for the variety of possible activities to those who choose it as a profession.

Keywords: Sociology of Professions; Social scientists/Sociologists; Professional motivations; Professional aspirations; Professional socialization; Professional identity.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Composição da amostra por “gênero”	22
Gráfico 2 – Composição da amostra em relação a “gênero” e “raça/cor”	22
Gráfico 3 – Composição da amostra em relação a “modalidade do curso” e “periodização” ..	23
Gráfico 4 – Composição da amostra por “classe” (com base no salário mínimo)	24
Gráfico 5 – Carreiras de preferência.....	34
Gráfico 6 – Aspecto que mais pesaria em uma possível oferta de emprego	37
Gráfico 7 – Participação em movimentos sociais e/ou organizações estudantis nas horas livres entre estudantes de Ciências Sociais, por modalidade de curso	39
Gráfico 8 – Interesse em ingressar em curso de mestrado entre estudantes de Ciências Sociais, por modalidade de curso (em números percentuais)	40

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Caracterização geral do perfil das pessoas entrevistadas – Cursos de Ciências Sociais.....	25
---	----

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estudantes de Ciências Sociais de acordo com o nível de escolaridade do pai, por modalidade de Curso (em números percentuais).....	26
Tabela 2 – Estatísticas do Teste-T independente (Renda x Aumentar meus conhecimentos, sem preocupação com o mercado, foi um fator determinante para minha escolha do curso)..	27
Tabela 3 – Teste-T da comparação de renda entre quem “entrou no curso porque queria aumentar os conhecimentos, sem preocupação de se profissionalizar” e quem “não entrou com isso em mente”	28
Tabela 4 – Estudantes de Ciências Sociais que optaram pelo curso porque “Querida aumentar seus conhecimentos, não estava preocupado em se profissionalizar nessa área”, por modalidade de Curso (em números percentuais).....	29
Tabela 5 – Cruzamento entre “modalidade do curso” e “oferecer alternativas mais seguras de emprego como fator para optar pelo curso”	30
Tabela 6 – Cruzamento entre “modalidade do curso” e “expectativa de integração ao mercado de trabalho”.....	30
Tabela 7 – Cruzamento entre “classe” e “expectativa de integração ao mercado de trabalho”	31
Tabela 8 – Estatísticas do teste Qui-Quadrado (Renda x expectativa de integração ao mercado)	32
Tabela 9 – V de Cramer (Renda x expectativa de integração ao mercado).....	32
Tabela 10 – Frequência de “pretende participar de concurso público?”	35
Tabela 11 – Estatísticas do Teste-T independente (Renda x Pretende participar de concursos?)	35
Tabela 12 – Teste-T da comparação de renda entre quem “pretende participar de algum concurso” e quem “não pretende participar de concursos públicos”.....	36

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. REVISÃO DA LITERATURA E ABORDAGEM TEÓRICA	15
2.1 A formação e institucionalização das Ciências Sociais no Brasil	15
2.2 Identidade e socialização profissional	17
3. METODOLOGIA	19
3.1 Banco de dados do <i>survey</i>	20
3.2 Análise de dados quantitativos	20
3.3 Perfil social da população estudantil pesquisada no <i>survey</i>	21
3.4 As entrevistas.....	24
4. CIENTISTAS SOCIAIS EM FORMAÇÃO PELA UFPE: QUEM SÃO E PARA ONDE QUEREM IR?	26
4.1 Motivações profissionais para a escolha do curso.....	26
4.2 Trabalho, carreira e aspirações profissionais.....	33
4.3 Visões sobre as ciências sociais e identidades profissionais	38
4.3.1 A sociologia como “esporte de combate” ou “rígida”.....	39
4.3.2 A ciência social “vendida” ou “inventiva”	42
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	48
6. REFERÊNCIAS.....	50
7. APÊNDICES	53
APÊNDICE A – MODELO DO QUESTIONÁRIO	53
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA	62

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo central analisar aspectos do perfil social das/os estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), buscando identificar as suas motivações para a escolha dos cursos, suas aspirações profissionais e visões sobre as ciências sociais (ciência e profissão). A análise aqui realizada parte da base de dados coletados na pesquisa “Perfil social, aspirações e motivações profissionais dos estudantes de graduação em Ciências Sociais”, coordenada pela Profa. Eliane da Fonte, e construída em colaboração com as/os integrantes do Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais da UFPE, durante os anos de 2018 e 2019.¹

A construção metodológica da pesquisa a qual essa monografia se vincula utilizou de um desenho misto (quantitativo e qualitativo), o que possibilita descrever e explorar a amostra estudada ao mesmo tempo em que se aprofunda nas percepções dos sujeitos de pesquisa. A parte quantitativa consiste na realização de um *survey*, o qual contempla a elaboração e aplicação de um questionário em turmas de disciplinas obrigatórias ofertadas em cada período (1º ao 9º) dos cursos de Ciências Sociais da UFPE, em suas duas modalidades (bacharelado e licenciatura), a fim de que, após a inserção e tabulação dos dados, fosse possível analisar a alteração dos resultados ao longo tempo – no caso, das trajetórias no curso. Já a construção da pesquisa qualitativa se circunscreve na realização de entrevistas semiestruturadas, as quais foram gravadas, transcritas e posteriormente serviram de base para uma análise de conteúdo temática.

A ideia de pesquisar o perfil social das/os discentes da graduação surgiu da reflexão sobre as mudanças recentes nas características das/os ingressantes no ensino superior brasileiro. Como desdobramento dessa mudança estrutural mais geral, observou-se também uma mutação na própria composição discente dos cursos de Ciências Sociais: sua clientela foi progressivamente abandonando um perfil supostamente aristocrático na medida em que emergia um novo público ingressante (VIANNA; CARVALHO; MELO, 1994).

Desse modo, se o objetivo geral deste trabalho é analisar aspectos do perfil social das/os estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais pela UFPE, as suas motivações para a escolha do curso, aspirações profissionais e identidades profissionais; são objetivos específicos

¹ Os resultados da pesquisa mencionada foram consolidados no livro organizado por Fonte (2021), disponível em <https://www.editoracrv.com.br/produtos/detalhes/36306-perfil-social-aspiracoes-e-motivacoes-profissionais-de-estudantes-de-graduacao-em-ciencias-sociais-da-ufpe>. Acessado em: 06/02/2023.

do estudo:

1. Investigar as motivações relacionadas ao mundo do trabalho que influenciaram na escolha do curso;
2. Identificar as expectativas e aspirações em relação ao futuro profissional das/os cientistas sociais em formação;
3. Analisar as visões sobre ciências sociais e identidades profissionais acionadas nos discursos das/os estudantes.

Assim, este trabalho analisa o perfil social da população pesquisada, o qual é devidamente interpretado levando em consideração variáveis relevantes para a discussão aqui empreendida (gênero, raça, periodização e renda). Logo após, as motivações profissionais relativas ao mercado de trabalho são analisadas em relação a variáveis que aferem informações como modalidade do curso e renda, de modo a investigar se existe diferença significativa a partir das diferenças entre os grupos de estudantes. Em seguida, são expostas as principais aspirações ligadas ao futuro profissional, de modo a novamente relacionar tais achados com a estratificação da amostra em relação à renda. Por fim, trabalho com as principais visões sobre ciências sociais enquanto ciência e profissão a fim de investigar o processo de formação da identidade profissional das/os cientistas sociais. Todas essas investidas de pesquisa são feitas para responder às questões centrais deste trabalho: quem são as/os cientistas sociais em formação pela UFPE e para onde querem ir?

Com este trabalho, busquei produzir dados e análises relevantes acerca dos cursos de Ciências Sociais da UFPE, em especial sobre fatores de escolha e expectativas de integração ao mundo do trabalho, gerando assim insumos para o debate acadêmico e público sobre a nossa profissionalização. Nesse sentido, espera-se que os resultados produzidos pela pesquisa apresentem às pessoas leitoras um panorama que permita o aprofundamento dos conhecimentos sobre a profissão de cientista social, tanto para gestoras/es que atuam na graduação em Ciências Sociais, sobretudo no que concerne ao estado de Pernambuco, quanto para contribuir com a ampliação do debate sociológico ainda incipiente sobre o mundo do trabalho das/os cientistas sociais e sua identidade profissional.

A monografia está estruturada em cinco capítulos, dentre os quais se inclui esta introdução.

O capítulo 2 apresenta uma revisão da literatura e discute as abordagens teóricas que

nortearam a análise e a interpretação dos resultados.

O capítulo 3 descreve o percurso metodológico utilizado para a coleta dos dados do *survey* e os procedimentos aqui utilizados para o processamento e análise dos dados. Nele, também é discutido o perfil social da população estudantil pesquisada no *survey*. Por fim, são descritos os procedimentos utilizados na realização e análise das entrevistas, além de uma caracterização geral do perfil das pessoas entrevistadas.

O capítulo 4 analisa os resultados obtidos, organizados em três eixos de análise: 1) Motivações profissionais para a escolha do curso; 2) Trabalho, carreira e aspirações profissionais; 3) Visões sobre as ciências sociais e identidade profissional.

Por fim, o capítulo de considerações finais apresenta uma síntese dos principais resultados da análise aqui empreendida.

2. REVISÃO DA LITERATURA E ABORDAGEM TEÓRICA

2.1. A formação e institucionalização das Ciências Sociais no Brasil

A consolidação de uma profissão requer que um grupo de pessoas interessadas por uma ocupação seja recrutado e treinado por uma instituição credenciadora, a qual fornecerá treinamento especializado e uma série de outros (re)conhecimentos (DUBAR, 2012), tornando os indivíduos formados por ela “experts” de uma área delimitada – ainda que esta delimitação seja campo de disputa e negociação entre distintos grupos profissionais. No caso das profissões que envolvem “ciência”, ao mesmo tempo em que o processo de consolidação da profissão acontece, o próprio desenvolvimento científico está em curso, com o fortalecimento de uma comunidade científica que debaterá teorias, modelos, paradigmas (KUHN, 2011), entre outros aspectos pertinentes à ciência. Além destes fatores, quando falamos na institucionalização das ciências sociais, enquanto ciência e profissão, existe outro aspecto determinante: o contexto histórico.

Segundo o sociólogo Randall Collins, “a ciência social deriva de uma base social” (COLLINS, 2009), ou seja, a realidade social vivenciada por cientistas sociais é o princípio para o próprio surgimento da ciência social. Esta afirmação ganha maior concretude ao lembrarmos que a ciência sociológica surge na Europa, para responder às contradições sociais expostas pela modernidade, em especial para responder às novas dinâmicas de vida e trabalho que surgiram com o capitalismo. No Brasil, não foi diferente: a formação das ciências sociais e da estrutura nacional de profissionais em sociologia foi influenciada pela base social corrente durante o século XIX, principalmente por eventos como a independência do Brasil e a abolição formal da escravatura.

Em um primeiro momento recebida como “novidade intelectual” (FERNANDES, 1976) que forneceria elementos para as pessoas frequentadoras dos círculos letrados conseguissem ilustrar e interpretar o mundo social à luz das teorias e pesquisas contemporaneamente produzidas na Europa, com o tempo, a sociologia brasileira abandona a dependência e assume um perfil de “trabalho científico sistemático” para pensar racionalmente e propor alternativas para os dilemas sócio-históricos que atravessam o Brasil. Destarte, se a independência e a abolição foram os fatos históricos mais relevantes para o desenvolvimento das ciências sociais, foram a missão francesa e a ditadura civil-militar os eventos que marcam a formação do perfil profissional das/os cientistas sociais brasileiras/os,.

Iniciada no século XIX, com a chegada de artistas e intelectuais franceses ao Brasil, o

que se popularizou como “missão francesa” impactou todo o ensino superior nacional. A tradição francesa serviu de base para a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1934), que, junto à Escola Livre de Sociologia e Política (1933), foram referências para toda uma incipiente produção sociológica “nacional” (MICELI, 1989). Sob influência do perfil acadêmico francês, a sociologia no Brasil assumiu tom mais “ensaístico” (LIMA, 2009), com forte ênfase ao potencial crítico desta ciência, mas sem muita preocupação na inserção do ofício do sociólogo na lógica de profissões, fato que Durand (1984) relaciona a um “pacto de bom tom” entre as classes altas e média “que teve o efeito de fazer silenciar [...] preocupações com salário e profissões” (DURAND, 1984, p. 77). Dessa maneira, foi se construindo, uma definição do profissional de sociologia quase como sinônimo de “intelectual”/“teórico”.

Três décadas após a institucionalização das Ciências Sociais no sistema universitário brasileiro, a ditadura civil-militar atinge o Brasil e outros tantos países da América Latina, que compartilhavam histórico marcado pelo “[...] colonialismo, a dependência cultural, a posição periférica na divisão internacional do trabalho etc.” (COSTA e BOMFIM, 2020, p. 297). Em solos brasileiros, onde o regime se alonga por mais de vinte anos, o cerco reacionário encontra nas universidades públicas terreno para promover veto ao pensamento crítico ali incentivado, reforçando assim a valorização da contribuição crítica que a sociologia, enquanto área do saber, poderia proporcionar a construção de estratégias de organização e emancipação social. Como consequência, há uma despreocupação ainda maior quanto à profissionalização da área, o que Braga (2009) procura relacionar com a própria origem social desses estudantes. Em vista disso, “um dos pólos do continuum entre teoria e prática não conseguia conquistar o interesse dos estudantes e, por isso, as disciplinas vinculadas à estatística ou à pesquisa de campo, por exemplo, eram preteridas pelos estudantes” (BRAGA, 2009, p. 154).

Como desdobramento dos dois eventos descritos acima, observamos na/o cientista social brasileira/o uma identidade profissional cindida, em que o exercício da teoria e empiria, assim como o ofício acadêmico e do cientista social dito “profissional”, são vistos, por vezes, como inconciliáveis. Embora haja todo um debate metodológico de teoria e empiria como parte de um contínuo, onde a teoria orienta e oferece recursos para se interpelar e interpretar o mundo social, enquanto a empiria devolve elementos para se confrontar ou confirmar a teoria (ALEXANDER, 1996), essa relação se objetiva para muitas/os estudantes como dualismo e não dualidade.

Uma vez compreendido o processo histórico de formação de cientistas sociais no Brasil,

podemos melhor visualizar o contexto no qual a/o cientista social se insere e explorar com maior segurança as diferentes formas de profissionalização, de “ser cientista social”, que coexistem de forma conflituosa, impedindo a formação de uma identidade profissional um pouco mais coesa e, por conseguinte, dificultando a unidade profissional.

2.2 Identidade e socialização profissional

A literatura acumulada sobre trabalho e profissões no campo da sociologia apresenta várias formas de se interpelar cientificamente os grupos profissionais, seja de modo a ressaltar o processo de organização, composição e diferenciação das profissões em relação às “ocupações” dentro da sociedade capitalista, ou procurando compreender a dimensão do reconhecimento e as competências e práticas apreendidas dentro de espaços formativos (GONÇALVES, 2007). É, no entanto, como desdobramento dessa última proposta analítica que a questão da socialização ganha centralidade.

O desenvolvimento deste estudo pretende possibilitar maior compreensão sobre o processo de construção das identidades da/o cientista social entre estudantes de bacharelado e licenciatura em Ciências Sociais ao considerar os processos de socialização a partir do referencial teórico das identidades profissionais de Claude Dubar (2012), cujo trabalho lança luz sobre a ligação entre educação, trabalho, carreira e socialização no processo de construção das identidades profissionais. E, falando especificamente sobre o as/os cientistas sociais, devido à sua formação generalista, existe um “pluralismo de formas identitárias” (DUBAR, 2005 *apud* PERRUSI, 2009), que ora parecem se mover em torno de interesses distintos, em exclusão mútua; ora tentam competir para se impor como “sociologia por excelência”.

Nesse contexto, a ideia de pesquisar a formação da identidade profissional de discentes da graduação em Ciências Sociais surgiu da reflexão de Durand (1984) a respeito da institucionalização mais propriamente da sociologia. Para o autor, a inserção do ofício da/o socióloga/o² na lógica de profissão foi colocada em segundo plano, uma vez que sua principal clientela se mostrava indiferente às preocupações relativas a salário e regulamentação, discussão retomada por Bonelli (1994), que tensionava o debate evidenciando a situação desfavorável que a/o cientista social se encontra no cenário de disputas interprofissionais devido

² De modo geral, a bibliografia acadêmica usa os termos “cientista social” e “sociólogo” para nomear as pessoas formadas pelos cursos de Ciências Sociais. Do ponto de vista legal, marcos como a Classificação Brasileira de Ocupações - CBO (ver <https://www.ocupacoes.com.br/cbo-mte/2511-profissionais-em-pesquisa-e-analise-antropologica-sociologica>) e a Lei 6.888 de 1980 – Lei do Sociólogo também reforçam essa equivalência, a qual também está refletida ao longo deste trabalho.

à conflitos de interesses intraprofissionais (ABOTT, 1988 *apud* BONELLI, 1994).

Posteriormente, contudo, a publicação “Cientistas sociais e vida pública, (WERNECK VIANNA *et al.*, 1994), indicava a emergência de um novo público ingressante, cujo perfil pouco se assemelhava ao retrato aristocrático inicialmente descrito. Hoje, devido às mudanças recentes na estrutura universitária brasileira, possibilitadas por iniciativas comprometidas com a democratização do ensino superior, torna-se relevante atualizar esses dados, procurando investigar a relação entre origem social, influências para a escolha do curso, aspirações profissionais e a formação das noções desenvolvidas pelas/os estudantes sobre as ciências sociais, particularmente, na sua concepção como profissão.

Desse modo, busco revisitar tais pesquisas, bem como trazer à discussão empreendimentos mais recentes (BRAGA, 2009 e 2011; TORINI, 2012; e YUNG, 2013 e 2020), os quais apontam a continuidade de problemáticas comuns às estruturas dos cursos de ciências sociais no Brasil - como o sentimento de indefinição profissional vivenciado pelas/os estudantes -, além das principais motivações e aspirações profissionais, as visões sobre as ciências sociais e identidades profissionais das/os estudantes de ciências sociais da UFPE.

3. METODOLOGIA

O presente estudo recorreu a uma metodologia mista, baseada na utilização de métodos e técnicas de coleta e análise de dados quantitativos e qualitativos. Assim, recorro ao *survey* construído junto às/aos demais integrantes do PET Ciências Sociais (UFPE), fazendo um “recorte” das variáveis consideradas mais relevantes para os objetivos deste trabalho; e às entrevistas realizadas pelo grupo, as quais fornecem elementos que complementam os dados quantitativos e compõem a narrativa aqui empreendida.

Os dados quantitativos foram obtidos através da realização de um *survey* de caráter interseccional (BABBIE, 2003), tendo como instrumento de coleta um questionário autoaplicável (ver apêndice A) construído com 107 variáveis dispostas em cinco blocos temáticos. Já os dados qualitativos foram coletados através da realização de entrevistas semiestruturadas, as quais foram orientadas por um roteiro (ver apêndice B) organizado a partir de quatro eixos temáticos, onde constam diversas perguntas incentivadoras. A pesquisa teve como população de estudo as/os estudantes vinculadas/os às duas modalidades do curso de Ciências Sociais da UFPE (bacharelado e licenciatura). A unidade amostral do *survey* foi a “turma de alunos” (combinação de classe e disciplina obrigatória para o perfílo curso, oferecida em um determinado período do curso), onde todas/os as/os estudantes de Ciências Sociais matriculadas/os nas referidas turmas foram convidadas/os a responder ao questionário, bem como a indicar disponibilidade para a etapa posterior de entrevistas.

O questionário foi distribuído, presencialmente, no 2º semestre de 2018, em turmas do 1º, 3º, 5º, 7º e 9º períodos do curso de licenciatura e do 2º, 4º, 6º e 8º período do curso de bacharelado³. No total, foram obtidos 206 questionários respondidos com a seguinte distribuição: 97 em turmas de bacharelado e 109 na licenciatura. Posteriormente, os dados foram incluídos em uma matriz de dados do *software* aplicativo SPSS - *Statistical Package for Social Sciences* - para fins de análise.

As entrevistas foram realizadas, também presencialmente, ao longo do ano de 2019, por integrantes do PET Ciências Sociais. Para a seleção das pessoas entrevistadas, se utilizou da abordagem por acessibilidade (GIL, 2008), o que resultou em um banco com 18 entrevistas,

³ A periodização dos cursos foi feita com base nos perfis curriculares oficiais, para os cursos de bacharelado e licenciatura, disponibilizados no site da UFPE (ver <https://www.ufpe.br/ds/graduacao>). Ainda assim, estudantes que prolongam sua permanência dentro do curso de graduação utilizam de classificações superiores ao inicialmente previsto (8 semestres para o bacharelado e 9 para licenciatura) como forma de se localizar dentro da estrutura de periodização.

seguindo a seguinte composição: 11 com estudantes do bacharelado e 7 graduandas/os da licenciatura. Logo após, as entrevistas foram transcritas e, para atender aos objetivos deste trabalho, realizei uma análise temática de conteúdo, a qual serviu de base para a análise aqui empreendida.

3.1 Banco de dados do *survey*

O banco de dados utilizado para a discussão aqui empreendida foi resultado da pesquisa realizada sob a coordenação da Profa. Eliane da Fonte (Departamento de Sociologia - UFPE) e as/os estudantes que estiveram vinculados ao Programa de Educação Tutorial (PET) Ciências Sociais entre 2018 e 2019, dentre os quais me incluo.

Tendo como principal inspiração a pesquisa “Cientistas Sociais e Vida Pública” (WERNECK VIANNA *et al.*, 1994; WERNECK VIANA *et al.*, 1995; WERNECK VIANA *et al.*, 1998)⁴, o banco de dados construído para a pesquisa “Perfil social, aspirações e motivações profissionais dos estudantes de graduação em Ciências Sociais” (PET CS - UFPE) oferece dados atualizados e contextualmente circunscritos na realidade da nova clientela de cientistas sociais pernambucanas/os. Nesse sentido, retifica-se a capacidade de replicabilidade (BABBIE, 2003), característica da abordagem quantitativa que se fez presente no desenvolvimento dessa pesquisa. Para fins de comparação, a disposição do banco segue lógica semelhante à pesquisa de referência, o que permite análises a partir de diferentes eixos – são eles: A) Dados sociodemográficos; B) Formação pré-universitária; C) Formação universitária; D) Estratégias de profissionalização; e E) Horas livres, lazer, preferências culturais e políticas.

A escolha das variáveis aqui selecionadas foi feita com base nos enfoques específicos da análise, levando em conta a relevância em se traçar o perfil social (gênero, raça, renda, modalidade de curso e periodização) e levantar questões sobre as motivações e aspirações profissionais entre estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais da UFPE.

3.2 Análise de dados quantitativos

Ao longo da discussão que se segue, foram utilizadas técnicas bivariadas de análise de dados quantitativos (contagem de frequências, cruzamentos e recodificação de variáveis, além de testes como o Qui-Quadrado e o Teste-T independente). Na apresentação dos resultados,

⁴ Os resultados da pesquisa podem ser consultados em: “Cientistas Sociais e Vida Pública: o Estudante de Graduação em Ciências Sociais”, publicado em número especial da revista Dados (vol. 37, no 3), em 1994; “Doutores e Teses em Ciências Sociais”, publicado na revista Dados (vol. 41 n. 3), em 1998; “As Ciências Sociais no Brasil: a formação de um Sistema Nacional de Ensino e Pesquisa”, publicado no Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB (n. 40, no 2º semestre de 1995).

todas as decisões metodológicas são devidamente descritas como forma de possibilitar que, uma vez disponibilizado o banco de dados, procedimentos semelhantes possam ser tomados ou evitados. Um exemplo destas decisões é que, na maioria das análises, pessoas que assinalaram “não sei”, “não se aplica”, ou que simplesmente não responderam à pergunta, tiveram suas opções de resposta consideradas “omissas”, fazendo com que nem todas/os as/os 206 respondentes sejam contemplados em alguns dos procedimentos aqui realizados.

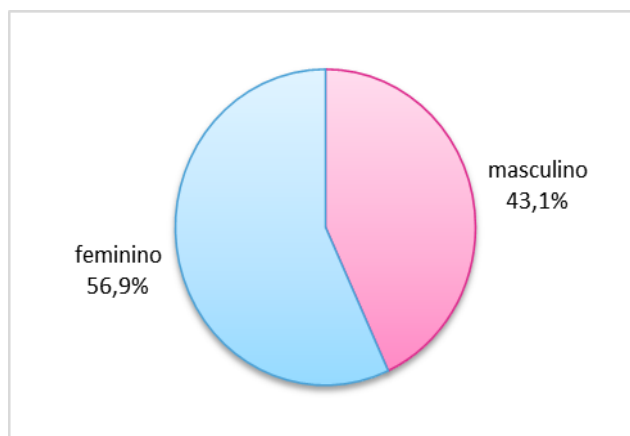
A decisão metodológica em trazer na composição do trabalho o teste Qui-Quadrado e o Teste-T se deu em adequação ao nível de mensuração das variáveis consideradas centrais para a análise – em sua maioria, nominais, ordinais ou métricas. Busco, com o Qui-Quadrado, comparar as frequências esperadas e observadas entre as distribuições das variáveis cruzadas a fim de avaliar se há dependência entre elas e, com o pós teste Phi/V de Cramer, mensurar qual a força deste relacionamento. Já com o Teste-T independente, pretendo avaliar se existe diferença significativa entre as médias de duas condições distintas. Desse modo, analiso em princípio a tabela do teste de Levene a fim de aceitar ou refutar a hipótese de homogeneidade das variâncias, para depois conseguir visualizar se o teste apresenta significância estatística e onde se localiza, em termos de intervalo de confiança, a diferença entre as médias dos grupos na população.

Para além da literatura disponível sobre o tema, foram instrumentalizados programas de processamento de dados, a exemplo do SPSS e do *Microsoft Excel*, que, através de gráficos e tabelas, facilitaram a interpretação e comunicação visual das informações aqui apresentadas.

3.3 Perfil social da população pesquisada no survey

Para melhor conhecer a unidade de análise da pesquisa, é relevante traçar um perfil social, por estratificação de gênero, raça e renda referente às/aos estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE, além de fornecer informações sobre a modalidade do curso e periodização destas/es.

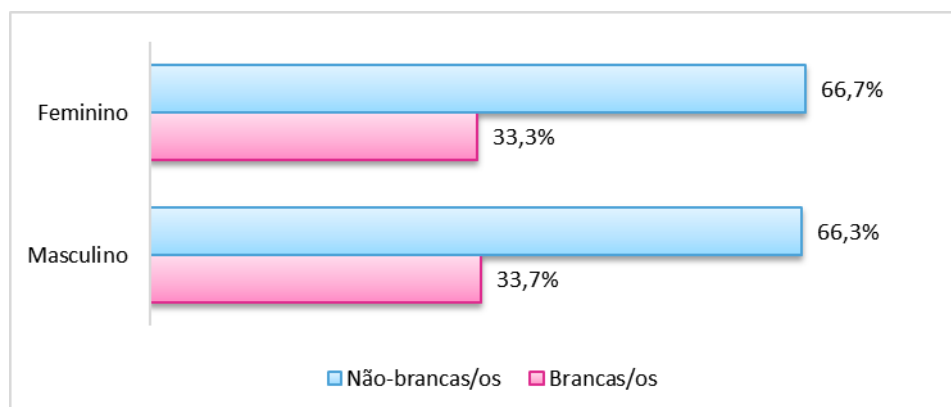
Gráfico 1 – Composição da amostra por “sexo/gênero”⁵



Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Conforme podemos inferir a partir dos dados ilustrados no gráfico 1, os cursos de Ciências Sociais da UFPE apresentam em sua composição uma maioria de 56,9% do gênero feminino, ao passo que os 43,1% restantes se declararam como do gênero masculino.

Gráfico 2 – Composição da amostra em relação a “sexo/gênero” e “raça/cor”



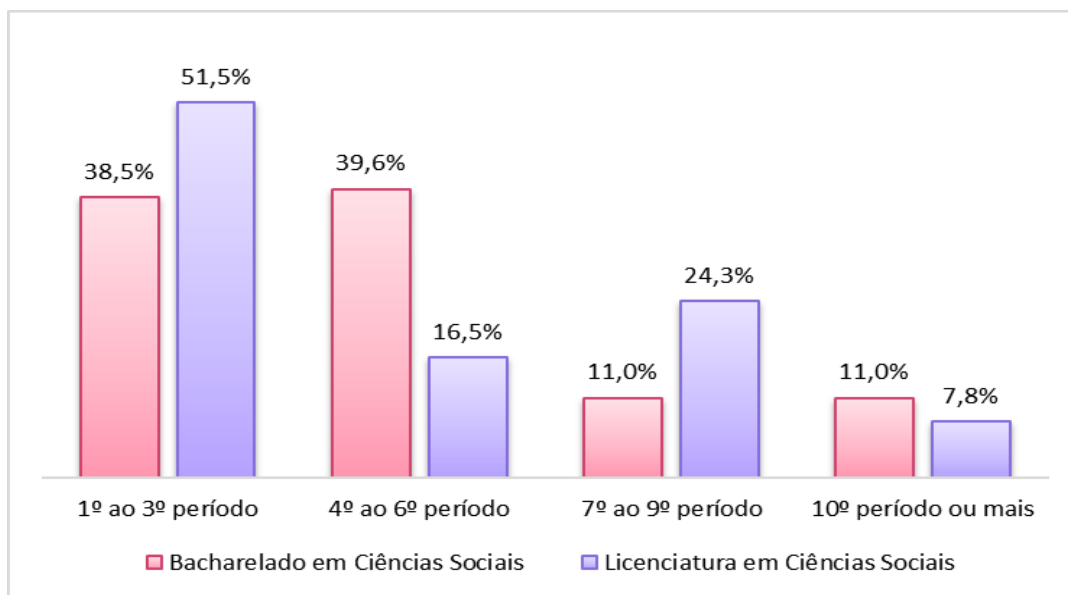
Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

A fim de descobrir como a dinâmica racial se comporta em relação à distribuição por gênero na população estudada, primeiro, aglutinei o percentual respondentes autodeclarados “pretos”, “pardos” e “indígenas” (o qual registrou apenas 1 ocorrência) dentro da categoria “não-brancas/os”, conforme sugerido por pesquisadores das relações raciais como Hasenbalg (2005) e Munanga (1999), comparando-a com o resultado do percentual de “brancas/os”. Após a realização do cruzamento, obtive a seguinte proporção: 66,7% das mulheres são não-brancas,

⁵ A decisão por utilizar “sexo/gênero” é uma forma de adequar a categoria com a qual fizemos a pergunta no questionário que origina este estudo (“gênero”) com as opções de resposta binárias e baseadas em “sexo”. Estas opções de resposta foram replicadas do questionário de Werneck Vianna *et al.* (1994) e mantidas para garantir a possibilidade de comparação entre os resultados de ambas as pesquisas.

em comparação às 33,3% que se declararam brancas, resultado que se apresenta semelhante aos percentuais obtidos entre os homens – 66,3% são não-brancos, enquanto 33,7% afirmaram-se brancos.

Gráfico 3 – Composição da amostra em relação a “modalidade do curso” e “periodização”

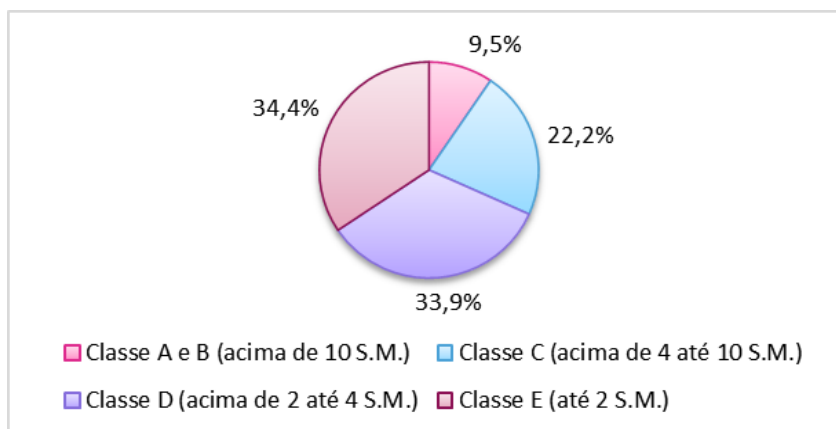


Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Para uma caracterização das/os estudantes do curso de Ciências Sociais, foi essencial para os fins de análise incluir dados relativos à periodização das pessoas capturadas pela amostra. No banco de dados original, existia uma pergunta que conseguia mensurar essa informação, mas, foi minha decisão metodológica criar faixas para comunicar essa informação de maneira mais objetiva. Para tanto, observei o padrão de respostas da pergunta perguntava sobre a periodização, constatando que a amostra abrange pessoas do 1º ao 14º período⁶. Em seguida, criei faixas de periodizações o que, cruzando com a modalidade do curso, resultou na seguinte distribuição: entre bachareladas/os, 38,5% estão entre o 1º e o 3º período, 39,6% se encontram entre o 4º e o 6º período, 11% afirmaram se encontrar entre o 7º e o 9º período, ao passo que obtivemos também 11% de respondentes que assinalaram estar no 10º período ou mais; já entre as pessoas da licenciatura, observamos 51,5% entre o 1º e o 3º período, 16,5% entre o 4º e o 6º período, 24,3% entre o 7º e o 9º período, e 7,8% no 10º ou mesmo em períodos superiores.

⁶ Embora os Ciências Sociais tenham entre 8 e 9 períodos letivos oficiais, muitas pessoas que não estão “blocadas”, ou seja, não concluíram o curso de acordo com a disposição da grade curricular oficial, responderam essa questão de acordo com a quantidade de períodos letivos vivenciados no curso.

Gráfico 4 – Composição da amostra por “classe” (com base no salário mínimo)



Fonte: Pesquisa de campo do PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

No que se refere ao perfil da amostra por “renda”, o banco de dados originalmente conseguia mensurar essa informação através da renda familiar mensal. No entanto, para fins de análise, recodifiquei a informação da variável original de modo que fosse possível categorizar as informações sobre renda através das definições de classe do IBGE (por faixa de renda média mensal familiar), em acordo ao salário mínimo de 2018⁷. Nesse sentido, obtivemos a seguinte distribuição: 34,4% de pessoas da classe E, 33,9% das pessoas da classe D, 22,2% na classe C, e 9,5% nas classes A e B.

3.4 As entrevistas

Conforme anteriormente mencionado, os três principais eixos de análise deste trabalho são as motivações profissionais, as aspirações profissionais e as visões sobre as ciências sociais enquanto ciência e profissão nutridas por estudantes da graduação em Ciências Sociais da UFPE. Nesse sentido, embora a metodologia *survey* nos indique pistas sobre todas essas questões, oferecendo um retrato da população pesquisada, ela não consegue se aprofundar nas opiniões, percepções e narrativas biográficas presentes nos discursos que as entrevistas conseguem provocar. Assim, a utilização de entrevistas semiestruturadas se justifica por ser uma forma de melhor lidar com a complexidade típica das questões aqui trabalhadas.

A utilização de entrevistas permite “mapear e compreender o mundo da vida” das pessoas (GASKELL, 2002, p. 65), fazendo inclusive capturar elementos contingentes ao desenho inicial da pesquisa, e servindo de porta de entrada para um mundo de sentidos e significados das/os estudantes dos cursos de Ciências Sociais até então desconhecido por nós,

⁷ O valor do salário mínimo, durante o ano de 2018, era de R\$954,00 reais.

pessoas pesquisadoras em ciências sociais. Por isso mesmo, juntamente ao questionário autoaplicável, distribuímos um convite para as entrevistas, onde solicitamos o e-mail e/ou telefone das pessoas interessadas em participar desta etapa, como forma de posteriormente retomar o contato para marcação das entrevistas. Estas tiveram como base um roteiro, o qual foi dividido nos seguintes blocos temáticos: 1) Dados pessoais; 2) Trajetória vocacional; 3) Trajetória no curso; e 4) Mercado de trabalho e campos de atuação.

Após as marcações, as entrevistas foram realizadas e, com anuência expressa em documento assinado por cada um/a das/os informantes, gravadas. Logo após, as pessoas participantes do PET Ciências Sociais transcreveram as entrevistas, fazendo-nos obter a distribuição de informantes expressa no quadro 1. Por fim, para atender aos fins específicos desta monografia, submeti as entrevistas a uma análise de conteúdo temática (BARDIN, 1998), o que resultou nos trechos de entrevistas que são utilizados ao longo do trabalho enquanto material de análise.

Quadro 1 – Caracterização geral do perfil das pessoas entrevistadas – Cursos de Ciências Sociais

	Curso	Ano de ingresso	Gênero	Idade	Estado civil / Sit. conjugal	Outro Curso?	Trabalha?
Informante 1	Bacharelado	2018.1	Mulher	19 anos	Solteira	Não	Não
Informante 2	Bacharelado	2018.1	Mulher	19 anos	Solteira	Não	Não
Informante 3	Bacharelado	2016.1	Homem	21 anos	Solteiro	Não	-
Informante 4	Bacharelado	2014.1	Mulher	22 anos	-	Não	Não
Informante 5	Bacharelado	2016.1	Mulher	21 anos	Solteira	Não	Não
Informante 6	Bacharelado	2015.1	Mulher	22 anos	Solteira	Sim	Não
Informante 7	Bacharelado	2017.1	Homem	20 anos	Solteiro	Não	Sim
Informante 8	Bacharelado	2016.1	Mulher	19 anos	Solteira	Não	Não
Informante 9	Bacharelado	2017.2	Mulher	25 anos	União estável	Não	Não
Informante 10	Bacharelado	2016.1	Homem	20 anos	Solteiro	Não	Não
Informante 11	Licenciatura	2018.2	Mulher	19 anos	Solteira	Não	Não
Informante 12	Licenciatura	2014.2	Homem	28 anos	Solteiro	Não	Não
Informante 13	Licenciatura	-	Homem	22 anos	Solteiro	Não	Não
Informante 14	Licenciatura	2018.2	Mulher	20 anos	Solteira	Não	Não
Informante 15	Licenciatura	2016.2	Homem	20 anos	Solteiro	Não	Não
Informante 16	Licenciatura	-	Mulher	23 anos	Solteira	Não	Não
Informante 17	Licenciatura	2016.2	Homem	30 anos	Solteiro	Não	Não
Informante 18	Bacharelado	2016.1	Mulher	20 anos	Solteira	Não	Não

4. CIENTISTAS SOCIAIS EM FORMAÇÃO PELA UFPE: QUEM SÃO E PARA ONDE QUEREM IR?

4.1. Motivações profissionais para a escolha do curso

Diferente do exposto na descrição de estratificação da amostra por classe (gráfico 4), em seu texto “A mal assumida profissão do sociólogo”, Durand (1984) afirma que o perfil da clientela atraída para os cursos de Ciências Sociais é de um público com “disponibilidades financeiras de família”. Segundo o autor, tal característica se relaciona ao “indiferentismo arrogante” que a classe profissional apresenta em relação a preocupações com profissionalização e salário. Mas, apesar das valiosas contribuições do autor para (re)pensar a profissão, a sua compreensão sobre o perfil social das/dos cientistas sociais está longe de ser unânime ou definitiva.

Estudos mais recentes (YUNG, 2020; FONTE, 2021) expõem que existem nuances neste retrato, destacando também uma importante mudança no perfil de pessoas formandas e formadas pelos cursos de Ciências Sociais. Políticas de inclusão, a exemplo da Lei de Cotas para o ensino superior (Lei 12.711/12, de 29 de agosto de 2012), além de inúmeros outros programas de incentivo à educação foram fundamentais para o cenário que vivenciamos hoje. Nesse sentido, se os resultados expostos no gráfico 4 já trazem indícios sobre uma mudança estrutural importante no perfil de classe dos estudantes de Ciências Sociais, é a partir da análise da tabela 1 que essa questão familiar é melhor detalhada.

Tabela 1 – Estudantes de Ciências Sociais de acordo com o nível de escolaridade do pai, por modalidade de Curso (em números percentuais)

Modalidade do curso	Bacharelado	Licenciatura	Total
Nível de escolaridade do pai	N. 94 100%	N. 102 100%	N. 196 100%
Nenhuma escolaridade	1,1	1,0	1,0
Fundamental incompleto	16,0	25,5	20,9
Fundamental completo	3,2	6,9	5,1
Ensino médio incompleto	5,3	8,8	7,1
Ensino médio completo	29,8	36,3	33,2
Superior incompleto	6,4	4,9	5,6
Superior completo	26,6	12,7	19,4

Pós-graduação incompleta ou completa	11,7	3,9	7,7
--------------------------------------	------	-----	-----

Fonte: NASCIMENTO *et al.* (2021, p. 47)

Conforme podemos observar, a maioria dos pais de estudantes dos cursos de Ciências Sociais da UFPE, tanto do bacharelado (29,8%), quanto da licenciatura (36,3%), possuem como nível de escolaridade máximo o ensino médio. Esse tipo de dado complementa a discussão até aqui empreendida, pois traz à tona outro tipo de capital, que extrapola a dimensão da renda, bem como também se reproduz através das gerações. Realço este aspecto tanto para fazer jus à contribuição dos estudos sociológicos sobre desigualdades sociais, que a partir de categorias como “capital cultural” e “transmissão intergeracional da pobreza” nos ajudaram a ampliar a visão sobre a influência do *background* familiar em cada um de nós; quanto porque a influência da família sobre as/os discentes se torna ainda mais evidente em trechos das entrevistas como:

- Na verdade, eu acho que sou a primeira pessoa da minha família a entrar na faculdade. (Informante 7)

- O curso superior sempre foi minha vontade e uma ambição familiar. [...] Meu pai é zelador, então ninguém tinha curso superior na minha casa e eu seria a primeira. (Informante 9)

- Sempre foi meta da minha família que eu entrasse num curso superior, porque ninguém da minha família tem curso superior. (Informante 16)

Uma vez desenvolvido o argumento de que o perfil social das/os estudantes da graduação em Ciências Sociais apresenta maiores nuances, faço uma investida para descobrir se outra característica apontada pelo autor se manifesta na população estudada: a despreocupação com a profissionalização. Dito de outra forma, busco saber se, mesmo com a influência das mudanças estruturais supracitadas, a preocupação com a profissionalização de fato não foi fator decisivo na escolha do curso e se isso varia de acordo com a renda.

Tabela 2 – Estatísticas do Teste-T independente (Renda x Aumentar meus conhecimentos, sem preocupação com o mercado, foi um fator determinante para minha escolha do curso)

Renda familiar mensal ----- Renda familiar mensal Aumentar meus conhecimentos, sem preocupação com o mercado, foi um fator determinante para a minha escolha do curso	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão
Sim, queria aumentar meus conhecimentos, não estava preocupado em me profissionalizar nessa área	92	4373,6658	5037,94664	525,24225
Não, aumentar meus conhecimentos não foi	108	3430,9818	4043,45941	389,08206

prioridade na escolha, queria me profissionalizar na área				
---	--	--	--	--

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Tabela 3 – Teste-T da comparação de renda entre quem “entrou no curso porque queria aumentar os conhecimentos, sem preocupação de se profissionalizar” e quem “não entrou com isso em mente”

		Teste de Levene		Teste T ⁸				
		F	Sig	T	gl	Sig (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença
Quanto é, em média, sua renda familiar mensal?	Variâncias iguais assumidas	3,398	0,67	1,467	198	0,144	942,68400	642,37652
	Variâncias iguais não assumidas			1,442	173,771	0,151	942,68400	653,65455

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Utilizei, para tanto, o Teste-T independente, um teste de hipótese, para comparar as médias de renda daquelas/es estudantes que afirmaram estar priorizando “aumentar os conhecimentos, sem preocupações em se profissionalizar” com aquelas/es que escolheram o curso considerando a profissionalização. Nesse sentido, foi estratégia metodológica aglutinar as categorias “muito importante” e “teve influência” em torno da resposta “Sim, queria aumentar meus conhecimentos, não estava preocupado em me profissionalizar”, ao passo que as categorias “irrelevante” e “não se aplica” foram também aglutinadas dentro da resposta “Não, aumentar meus conhecimentos não foi prioridade na escolha, queria me profissionalizar na área”. Com o sig 0,067 no Teste de Levene, valor superior a 0,05, aceita-se a hipótese nula de variâncias iguais entre as médias. Em seguida, o valor do sig bilateral de 0,144, novamente superior a 0,05, no Teste-T sugere que o nível mínimo de confiabilidade para assegurar diferença estatisticamente significativa entre as médias de renda do grupo que entrou apenas para aumentar seus conhecimentos, e daqueles que se distanciavam desse objetivo, expressando aspirações de exercício profissional mais direcionados, não foi atendido.

⁸ Este teste apresentou um intervalo de confiança com limite inferior negativo (-347) e superior positivo (2232).

Tabela 4 – Estudantes de Ciências Sociais que optaram pelo curso porque “Queria aumentar seus conhecimentos, não estava preocupado em se profissionalizar nessa área”, por modalidade de Curso (em números percentuais)

Modalidade do curso	Bacharelado	Licenciatura	Total
Queria aumentar seus conhecimentos, não estava preocupado em se profissionalizar	N. 97 100%	N. 109 100%	N. 206 100%
Muito importante	13,4	20,2	17,0
Teve influência	34,0	22,9	28,1
Irrelevante	21,6	16,5	18,9
Não se aplica	30,9	35,7	33,5
Não respondeu	---	4,5	2,4

Fonte: VALENTE JUNIOR *et al.* (2021, p. 63)

Por fim, ao analisar as respostas da questão “Por que optou pelo curso de Ciências Sociais: Queria aumentar seus conhecimentos, não estava preocupado em se profissionalizar na área” (Tabela 4), podemos estabelecer uma conclusão provisória sobre a questão da indiferença quanto à profissionalização lançada por Durand (1984). De modo geral, a clientela interessada pelos cursos de Ciências Sociais de fato expressa certa indiferença quanto à profissionalização: embora a maioria (52,4%, se somadas as categorias “irrelevante” e “não se aplica”) tenha demonstrado preocupação com a profissionalização, um grande percentual (45,1%, se somadas as categorias “muito importante” e “teve influência”) priorizou aumentar os conhecimentos ao escolher estes cursos de graduação. Entre as pessoas respondentes do bacharelado, esse desejo parece ser um pouco mais presente, inclinação possivelmente relacionada à cultura “não profissionalizante” do perfil do bacharelado, sobretudo falando do curso de Ciências Sociais, o que fica claro através do depoimento transcrito abaixo.

- Apesar de ser um curso incrível, [o bacharelado] é algo que a gente visualiza, mas não consegue enxergar algo definitivo e palpável para o futuro, ou se poderia/tivesse ter entrado em licenciatura eu já teria algo mais... próximo de mim, por exemplo, que seria estar dando aula. (Informante 8)

Esta declaração oferece elementos não só para reforçar o argumento dos efeitos da cultura “não profissionalizante”, como também leva a inferir que a “indiferença” quanto a profissionalização está mais relacionada ao desconhecimento e baixas expectativas com relação ao exercício profissional do que a um suposto perfil aristocrático da população pesquisada. Essa falta de materialidade quanto ao que um/a profissional formada/o em ciências sociais faz efetivamente no mundo do trabalho extra-acadêmico atinge o bacharelado com mais força, como pode ser concluído nos dados abaixo.

Tabela 5 – Cruzamento entre “modalidade do curso” e “oferecer alternativas mais seguras de emprego como fator para optar pelo curso”

Modalidade do curso	Bacharelado	Licenciatura	Total
Fatores que lhe fizeram optar pelo curso de Ciências Sociais: Parecia oferecer perspectivas mais seguras de emprego	N. 97 100%	N. 104 100%	N. 201 100%
Muito importante	1	4,8	3
Teve influência	8,2	21,2	14,9
Irrelevante	34	27,9	30,8
Não se aplica	56,7	46,2	51,2

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Tabela 6 – Cruzamento entre “modalidade do curso” e “expectativa de integração ao mercado de trabalho”

Modalidade do curso	Bacharelado	Licenciatura	Total
Qual sua expectativa de integração ao mercado de trabalho?	N. 96 100%	N. 108 100%	N. 204 100%
Muito boa	0	6,5	3,4
Boa	8,3	18,5	13,7
Regular	31,3	29,6	30,4
Ruim	24	28,7	26,5
Péssima	36,5	16,7	26

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Conforme demonstrado na tabela 5, a percepção sobre o oferecimento de vagas seguras de emprego é baixíssima, tanto para bacharelandas/os (34% consideram “irrelevante” e 56,7% “não se aplica”), quanto entre licenciandas/os (27,9% assinalaram “irrelevante” e 46,2% “não se aplica”), de modo que esse fator pouco influenciou na escolha do curso. Ainda assim, vale a pena destacar os 21,2% de licenciadas/os que foram influenciados pela percepção de maior segurança de emprego na modalidade escolhida, em comparação a apenas 8,2% de pessoas do bacharelado que partilham de posição semelhante sobre a modalidade.

Seguindo o mesmo padrão de respostas, os resultados da tabela 6, sobre as expectativas de integração ao mercado de trabalho, apresentam mais respostas negativas, tanto para o bacharelado (60,5%, se somarmos os percentuais dos que consideraram “péssima” e ruim”), quanto para a licenciatura (45,4%, realizando a mesma soma), embora esta última obtenha maior percentual de pessoas confiantes sobre a integração futura ao mercado de trabalho (25%

juntando os valores das respostas “boa” e “muito boa”, contra apenas 8,3% do bacharelado, se fizermos o mesmo). Essa maior segurança pode ser explicada por três fatores: 1) em termos de exercício profissional, o caminho da docência é visualizado como algo materialmente mais palpável, não tão “abstrato” em termos de atribuição profissional do que o perfil eminentemente teórico e acadêmico do bacharelado; 2) é relativamente comum a posição de “professor de sociologia”, embora haja ciência dos riscos baixa remuneração; e 3) hoje, seja no ensino médio ou no superior, na rede pública ou privada, muitas das vagas de ensino de ciências sociais/sociologia exigem o título de licenciada/o em ciências sociais/sociologia. Esses três fatores se fazem presentes, respectivamente, nas falas abaixo.

- O que me fez escolher a licenciatura foi, eu acho que o mercado de trabalho é mais amplo e eu teria menos chance de passar fome. (Informante 11)

- Eu escolhi [licenciatura] por conta do mercado de trabalho também, porque eu teria uma opção a mais. Eu poderia ou trabalhar com pesquisa ou com ensino. [...] O curso de sociologia no ensino médio ele sempre é aquela coisa, sai ou não sai, entra ou não entra na grade curricular. (Informante 12)

- Sendo que hoje, quando eu penso que eu terminei o bacharelado e que eu vou fazer uma licenciatura, que eu começo agora no meio do ano é pelo fato de que assim, eu quero carreira acadêmica. [...] Muitos dos concursos públicos são específicos para quem é de licenciatura. Então que é de bacharelado, mesmo tendo um mestrado ou doutorado, já não pode concorrer. (Informante 6)

Após a análise comparativa sobre expectativas de integração ao mundo do trabalho entre estudantes de ambas as modalidades dos cursos de ciências sociais, retomei o foco de análise para a relação entre perfil de classe e expectativa de integração ao mundo do trabalho.

Tabela 7 – Cruzamento entre “classe” e “expectativa de integração ao mercado de trabalho”

Classes sociais (com base na renda média familiar mensal) -----	Classes A e B (acima de 10 SM)	Classe C (acima de 4 até 10 SM)	Classe D (acima de 2 até 4 SM)	Classe E (até 2 SM)	Total
Qual sua expectativa de integração ao mercado de trabalho?	N. 17 100%	N. 41 100%	N. 64 100%	N. 65 100%	N. 187 100%
Muito boa	0	0	6,3	4,6	3,7
Boa	5,9	14,6	17,2	12,3	13,9
Regular	47,1	17,1	29,7	36,9	31
Ruim	23,5	26,8	26,6	23,1	25,1
Péssima	23,5	41,5	20,3	23,1	26,2

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Tabela 8 – Estatísticas do teste Qui-Quadrado (Renda x expectativa de integração ao mercado)

	Valor	Gl	Significância Assintótica
Qui-Quadrado de Pearson	14,549	12	0,267
Razão de Verossimilhança	16,519	12	0,169
Associação Linear por Linear	2,679	1	0,102
Nº de casos válidos	187		

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Tabela 9 – V de Cramer (Renda x expectativa de integração ao mercado)

	Valor	Significância Aproximada
Fi	0,279	0,267
V de Cramer	0,161	0,267
Nº de casos válidos	187	

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

A tabela 7 permite a análise da expectativa de integração ao mercado de trabalho a partir do perfil de classe da população pesquisada. Para complementar a análise, foi realizado o teste Qui-Quadrado – tabela 8. e os pós testes Phi/V de Cramer – tabela 9, a fim de entender se existe relação entre integração ao mercado e renda. O teste Qui-Quadrado (χ^2) mostrou que as variáveis são independentes, pois [χ^2 (12) = 14,549; $p > 0,05$], dessa forma rejeita-se a hipótese de trabalho de que haveria diferença estatisticamente significativa entre classe (e a renda média familiar desta classe) e expectativa de integração ao mercado de trabalho”. Na tabela do cruzamento das variáveis “classe” e “expectativa de integração ao mercado de trabalho” observamos que, com exceção à classe C, cuja categoria mais expressiva foi “ruim” (26,8%), todas as outras classes apresentaram na categoria “regular” maior expressão. Ademais, é interessante notar como, nas classes D e E existe maior registro de pessoas que têm expectativas “boas” ou “muito boas” com relação ao mercado de trabalho (respectivamente, 17,2% e 6,3% para a classe D, e 12,3% e 4,6% para a classe E). Nesse sentido, é possível levantar como hipótese que esse maior percentual está associado com o que a literatura aponta sobre o fato do curso superior poder se constituir, sobretudo para as classes menos favorecidas, como uma forma de mobilidade social ascendente (FIGUEIREDO, 2006), o que fica demonstrado nas falas abaixo:

- Como eu sou de família pobre, aí é que a gente fica mais preso ainda. Aí eu queria, antes de entrar em um emprego, ter um pouco de sabedoria da realidade... do ramo social em si. Por exemplo, ter um pouco mais de

intelectualidade. (Informante 7)

- Eu acho que fazer uma graduação é extremamente importante para conseguir entrar no mercado de trabalho, sabe? E a federal é um sonho de conquista para muitas pessoas que não estão nela e até para quem consegue entrar. Ela não foi exatamente uma escolha, foi uma tentativa, eu sabia que tinha que passar em uma universidade pública em Recife. (Informante 14)

- Eu venho de uma família onde meu pai tem o fundamental incompleto e [...] por mais que minha mãe tenha um técnico, ela não teve a oportunidade de ter um curso superior. [...] O desejo vem de ascender, tipo, se minha família não tem o ensino médio e passam os perrengues que passam hoje em dia, então entrar no nível superior é para tentar conseguir algo a mais na vida, dar algo melhor para eles. O desejo vem de querer ascender e entender que, se não tiver um diploma, você não consegue nada, né? Você está fadada ao fracasso e a trabalhos subalternos e mal remunerados. (Informante 18)

4.2. Trabalho, carreira e aspirações profissionais

Falar sobre possibilidades de trabalho e carreira para cientistas sociais é um tópico considerado “sensível” e ainda pouco explorado, seja em trabalhos científicos ou em discussões com professoras/es e gestoras/es dos cursos de graduação. Existe um entendimento relativamente comum de que a graduação oferece uma multiplicidade de carreiras possíveis (DURAND, 1984; BRAGA, 2009 e 2011; TORINI, 2012; ARENAS, 2015), o que é explicado pela capilaridade dos conhecimentos contemplados pelo curso, pelas divisões entre as subáreas do saber que constituem a graduação (antropologia, sociologia e ciência política), bem como pelas modalidades ofertadas (bacharelado e licenciatura). Porém, tão comum quanto o entendimento sobre as diferentes possibilidades de carreira, está o desconhecimento quanto a “o que eu quero?” e “como chegar lá?”.

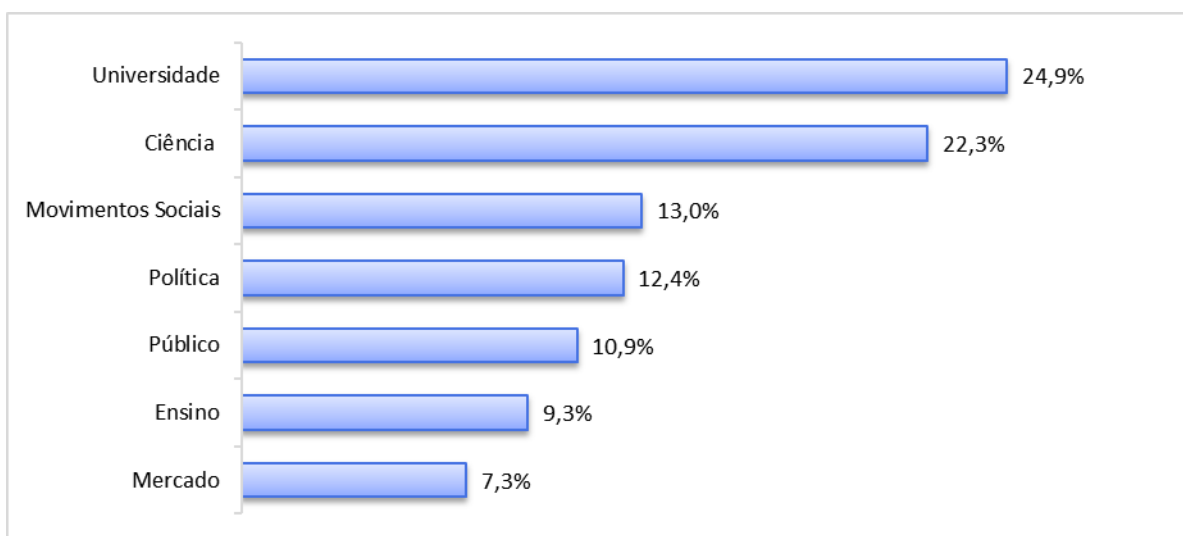
Nesse sentido, após realizadas as análises referentes ao perfil social e às motivações profissionais que levaram as/os estudantes de Ciências Sociais a escolherem o curso em que estão matriculadas/os, fez-se pertinente levantar questões que atravessam suas aspirações profissionais. Dessa forma, investiguei as carreiras mais desejadas entre as/os discentes e quais aspectos são considerados importantes para aceitação de uma oferta de emprego. Para definição das carreiras exemplares, utilizei o mesmo padrão exposto em FARIAS JUNIOR *et al.* (2021, p. 122)⁹; a saber:

1. **Política:** Uma carreira com uma forte orientação para a vida pública e pela participação nos debates políticos (Senador, deputado, liderança de partidos políticos).
2. **Ciência:** Uma carreira orientada para a pesquisa científica, em instituições

⁹ Essa classificação, por sua vez, foi inspirada na pesquisa de Werneck Vianna *et al.* (1994) e se encontram listadas na questão 84 do questionário utilizado como instrumento de coleta da pesquisa que originou este trabalho.

- públicas.
3. **Mercado:** Uma carreira dirigida para as oportunidades de mercado, oferecendo serviços, tais como pesquisas de opinião e diversos tipos de consultoria.
 4. **Universidade:** Uma carreira acadêmica na Universidade (gestão de políticas acadêmicas, ensino, pesquisa e extensão).
 5. **Movimentos Sociais:** Uma carreira dirigida para os movimentos sociais (assessoria), com intervenção prática em diversos tipos de organizações: sindicais, feministas, ecológicas, etc.
 6. **Ensino:** Uma carreira de dedicação ao ensino, como professor do ensino médio.
 7. **Público:** Uma carreira dedicada à produção de ensaios, livros e artigos, realizando o papel de divulgação cultural que ultrapasse os estreitos limites do público universitário.

Gráfico 5 – Carreiras de preferência



Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

De acordo com a distribuição de respostas exibida no gráfico 5, as carreiras com maiores registros percentuais são as carreiras na “Universidade” (24,9%), seguida pelo foco na “Ciência” (22,3%). Tais resultados confirmam a tese já exposta em Durand (1984), que indica haver uma “diferenciação interna, de legitimidade, de valorização e de remuneração” no grupo profissional de sociólogos – aqui entendidos como categoria profissional a qual a/o cientista social assume no mundo do trabalho. E, sendo o grupo de cientistas sociais acadêmicos aquele responsável também pela formação nos magistérios superiores, são elas/es quem definem a dinâmica interna do grupo profissional (MARINHO, 1987 *apud* BRAGA, 2011) através do currículo da graduação e do próprio processo de contato com estudantes da graduação durante a formação. Desse modo, é possível inferir que, via socialização profissional (DUBAR, 2012), as/os discentes apreendem “uma definição de sociólogo que aponta para uma ideia de trabalho intelectual muito impregnada dos maneirismos, das exigências e das recompensas das

hierarquias universitárias e da cultura acadêmica” (DURAND, 1984), o que fica explícito a partir deste trecho da entrevista:

- A grade curricular de Ciências Sociais para Bacharel, ela não prepara totalmente para você ser um pesquisador. Ela prepara você para ser um acadêmico. (Informante 8)

- Como eu quero vida acadêmica, eu sei que a federal prepara, que é uma dificuldade para quem não quer, na verdade. Porque eu não sei de algum curso dentro da federal que é feito realmente para a vida profissional, para trabalho fora da universidade, eu não sei. Talvez seja por isso também que eu tenha me identificado tão bem, porque ele [o curso de Ciências Sociais] induz tanto você a continuar nesse meio que você acaba se sentindo seguro de continuar aqui. (Informante 6)

Se faz pertinente, todavia, levantar outros fatores que podem se associar ao desejo pelas carreiras científico-acadêmicas (na “Universidade” ou a “Ciência” em outras instituições públicas). Dado que estas carreiras demandam que as pessoas interessadas prestem concursos públicos e que esta estratégia de profissionalização se constitui, para muitas/os, enquanto uma possibilidade de ascensão social, torna-se pertinente investigar que tipo de concurso se deseja concorrer e se existem diferenças de renda entre as pessoas que pretendem ingressar no serviço público e aquelas que não estão interessadas em prestar concursos públicos.

Tabela 10 – Frequência de “pretende participar de concurso público?”

	Frequência N. 205	Porcentagem válida
Sim, desde que na área das Ciências Sociais	49	23,9
Sim, sem restrições	116	56,6
Não	9	4,4
Não sei	31	15,1

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Tabela 11 – Estatísticas do Teste-T independente (Renda x Pretende participar de concursos?)

Pretende participar de algum concurso público? ----- Renda familiar mensal	N	Média	Desvio padrão	Erro padrão
Sim	165	3283,9593	3520,91906	274,10318
Não	9	4326,2222	4600,97791	1533,65930

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

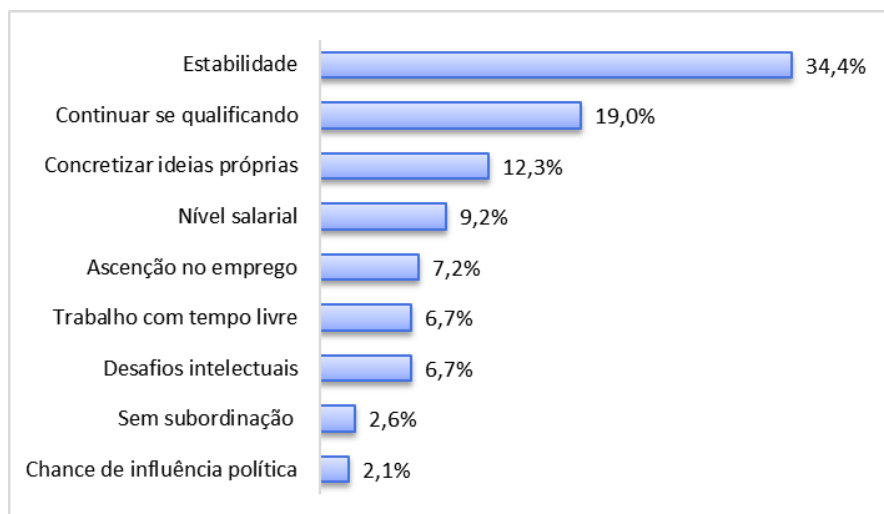
Tabela 12 – Teste-T da comparação de renda entre quem “pretende participar de algum concurso” e quem “não pretende participar de concursos públicos”

		Teste de Levene		Teste T ¹⁰				
		F	Sig	t	gl	Sig (bilateral)	Diferença média	Erro padrão da diferença
Quanto é, em média, sua renda familiar mensal?	Variâncias iguais assumidas	1,398	0,239	-0,851	172	0,396	-1042,26295	1224,89598
	Variâncias iguais não assumidas			-0,669	8,519	0,521	-1042,26295	1557,96130

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Conforme fica nítido na tabela 10, a população pesquisada de fato pretende investir em uma carreira dirigida às instituições públicas, seja em áreas correlatas às ciências sociais (23,8%) ou sem restrições (56,3%). Aglutinando essas duas opções de resposta na categoria “sim” e colocando em oposição às pessoas que responderam “não” quanto à possibilidade de prestar concursos públicos, as tabelas 11 e 12 exibem o resultado da comparação entre a renda média familiar desses dois grupos. Através do Teste-T, obtivemos os seguintes resultados: com o Teste de Levene, o sig (0,239) inferior a 0,05 nos leva a aceitar a hipótese nula de variâncias iguais entre as médias; com o Teste-T independente, obtivemos um sig bilateral (0,396), novamente inferior ao valor mínimo para assegurar a confiabilidade dos resultados do teste. Fica evidente, portanto, que não existe diferença real entre as médias de renda do grupo que pretende prestar concursos públicos e aquelas/es que não tem essa pretensão em vista.

¹⁰ Este teste resultou em um intervalo de confiança com limite inferior negativo (-3460) e superior positivo (1375).

Gráfico 6 – Aspecto que mais pesaria em uma possível oferta de emprego

Fonte: Pesquisa de campo PET Ciências Sociais – UFPE (2018). Elaboração própria.

Para uma última análise no que tange às aspirações profissionais, o gráfico 6 exhibe o percentual de respostas para a pergunta “Uma vez formado, qual o aspecto mais pesaria para a aceitação de uma possível oferta de emprego?”. Aparecem como principais fatores de relevância para aceitação de uma oferta de emprego a “estabilidade” (34,4%) e “chances de continuar se qualificando” (19% do total de casos válidos). É pertinente relacionar esses resultados com os dados apresentados anteriormente sobre renda, aspirações de carreira e pretensão de fazer concursos públicos.

É possível levantar como hipótese que o desejo por estabilidade demonstrada no gráfico 6 esteja relacionado com o perfil econômico da amostra, fortemente concentrado entre as classes D e E, e, ainda, com a alta frequência (165 do total de 205 respostas válidas) de pessoas que pretendem prestar concursos públicos. Isto porque o regime de trabalho de servidores estatutários, isto é, aquelas/es que recebem a convocação após aprovação em concursos em órgãos públicos, concede certo grau de estabilidade previsto em lei (Lei 8.112/90, de 11 de dezembro de 1990). Nesse sentido, o alto grau de interesse demonstrado em projetar a carreira em vista de instituições públicas, sobretudo em setores ligados à universidade, representa uma opção que oferece estabilidade, remuneração compatível com o nível de especialização, além de possibilitar que essas/es profissionais continuem se qualificando ao passo que realizam um ofício ligado às ciências sociais, o que é perfeitamente ilustrado na fala da informante 18:

- Pessoal, nossa, eu queria ser rica, mas não dá. [risos]. Brincadeiras à parte, eu queria ter estabilidade financeira. Acho que é o que todo

mundo busca quando está no ensino superior. Como falei no começo, a realidade de vida das pessoas que entram no ensino superior a escolaridade dos pais é muito baixa, a gente entra no mercado de trabalho querendo estabilidade, querendo um diploma. Acho que estabilidade é a primeira coisa que eu almejo. E poder trabalhar com o que estudo, sabe? (Informante 18)

4.3. Visões sobre as ciências sociais e identidades profissionais

Os primeiros estudos sobre identidades profissionais realçam as dimensões funcionais e instrumentais, focando nas competências e habilidades técnicas necessárias para o exercício profissional. Reduzir as identidades profissionais a isso, no entanto, é concebê-la como um manual técnico e não enquanto identidade social formada a partir de um processo, fundamentalmente coletivo, de construção e reconhecimento profissional. Desse modo, trazendo o exemplo do profissional de ciências sociais, é através da socialização com um grupo que partilha do mesmo estatuto profissional que aprendemos a ser cientistas sociais, nos reconhecendo e sendo reconhecidas/os como tal.

Por possuir um perfil extremamente generalista, a profissão de cientista social é cenário de constantes conflitos de interesse dentro (entre bacharéis e licenciadas/os; sociólogas/os, antropólogas/os e cientistas políticas/os; bem como entre profissionais “de mercado” e as/os “acadêmicas/os”) e fora dos outros grupos profissionais (com disputas entre profissionais de diferentes áreas das humanidades e até da estatística). Entre essas disputas intra e interprofissionais, a identidade profissional da/o cientista social se apresenta de forma difusa, sendo muitas vezes definida de acordo com a atividade laboral que a/o profissional em questão exerce no momento (YUNG, 2013 e 2020). Para as/os estudantes, cuja prática profissional, quando existe, costuma se restringir às escassas e concorridas possibilidades de estágio, prevalece a dúvida “afinal, estou me formando para fazer o que com o diploma?”.

Nesse sentido, costurando a análise sobre as motivações e as aspirações profissionais, faz-se pertinente investigar as visões sobre as ciências sociais a fim de entender como nós, cientistas sociais em formação pela UFPE, enxergamos a ciência social (enquanto ciência e profissão), e, a partir deste entendimento, assumimos as identidades profissionais tão necessárias para a projeção futura de nossas carreiras. Nesta última análise, me apoio nas visões conflitantes sobre ciências sociais que foram compartilhadas pelos informantes 7 e 10: uma sociologia engajada (como “esporte de combate” ou “rígida”) e uma ciência social de mercado (“vendida ou “inventiva”). Essas caracterizações me servem como “tipos ideais”, os quais são trabalhados como ponto de partida para discutir as possibilidades de identificação profissional

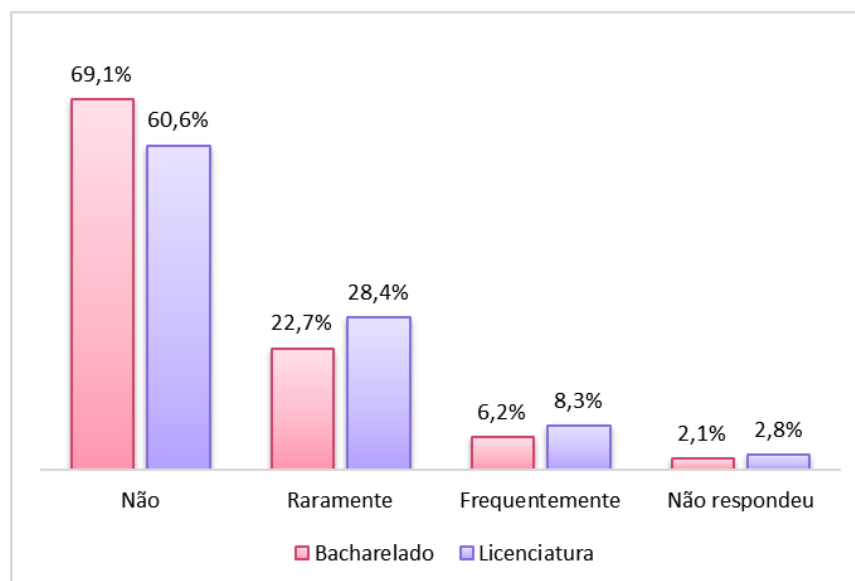
das/os cientistas sociais em formação.

4.3.1 A sociologia como “esporte de combate” ou “rígida”

- É uma profissão que ninguém contrata em termo de mercado [...] porque o objeto de estudo da gente, enquanto sociedade, enquanto conflito, a gente eventualmente vai ter que estar colocando o dedo na ferida, o dedo na cara de quem não quer ser visto. É por isso que a gente sai com embasamento para movimentos sociais, é por isso que a gente se coloca como militante de várias causas, porque a gente se identifica e a gente tem alguns aportes que vão facilitar para poder ajudar o nosso reconhecimento com aquela causa. [...] O nosso engajamento profissional com a sociedade, eu acho que isso traz muita prática de quem é de fora também. Eu acho que esse é o nosso principal ponto: essas grandes violências, essas resistências, que é o próprio fazer sociológico... “a sociologia é um esporte de combate”. (Informante 10)

Devido à formação histórica detalhada na seção 4.1, onde se discutiu sobre a influência do evento da ditadura civil-militar para a tomada de posição da sociologia enquanto ciência com potência emancipatória, muitas vezes as/os estudantes de ciências sociais são tidas/os, mais enquanto ativistas que como cientistas. Do ponto de vista teórico e de visão sobre ciências sociais esse ponto é um problema clássico para a sociologia, que, no Brasil, agitou posições antagônicas entre Guerreiro Ramos e Florestan Fernandes, os quais representavam, respectivamente, a “sociologia comprometida” (ciência implicada na mudança social) e a “sociologia neutra” (técnica-científica). Mas, contrariando a concepção, tão popular no senso comum, de que as/os cientistas sociais têm um perfil ativista, estão os resultados ilustrados no gráfico 7.

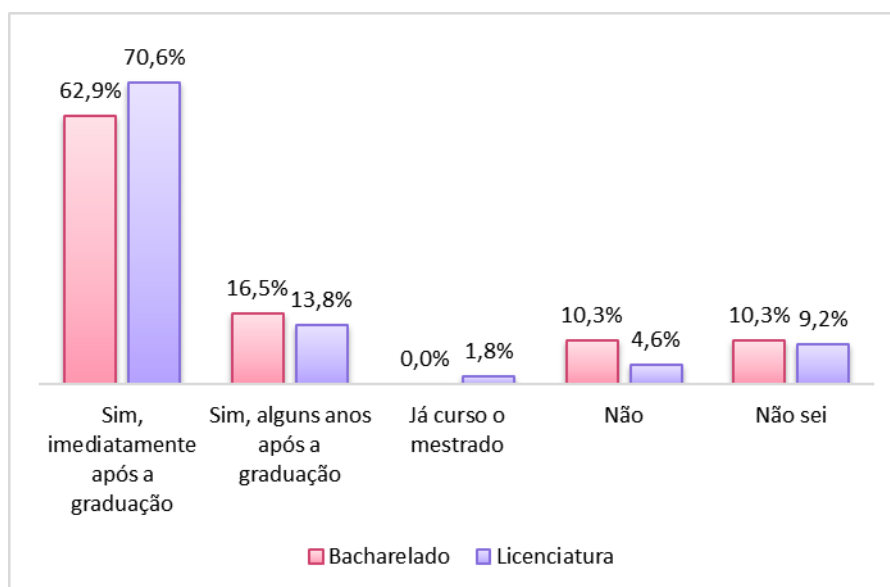
Gráfico 7 – Participação em movimentos sociais e/ou organizações estudantis nas horas livres entre estudantes de Ciências Sociais, por modalidade de curso



Fonte: AMORIM et al. (2021, p. 103)

Percebemos, desse modo, que 69,1% das/os estudantes do bacharelado e 60,6% das licenciandas/os responderam não participar de movimentos sociais e/ou organizações estudantis nas horas livres, sugerindo que o estereótipo “militante” não se confirma empiricamente, ao menos não através das formas de militância tradicional via dedicação a movimentos sociais, estudantis e/ou partidos políticos. Uma vez que a população pesquisada demonstra ter uma participação política pouco proeminente, torna-se relevante retomar o embate anteriormente mencionado sobre ciência social como política *versus* ciência social acadêmica e verificar se as/os estudantes apresentam a mesma indiferença no que diz respeito ao seu desenvolvimento técnico-científico. Para tanto, veremos a seguir o gráfico 8, o qual expressa o interesse das pessoas graduandas em Ciências Sociais pela UFPE em ingressar no mestrado.

Gráfico 8 – Interesse em ingressar em curso de mestrado entre estudantes de Ciências Sociais, por modalidade de curso (em números percentuais)



Fonte: FONTE (2021, p. 119)

De acordo com os resultados, diferentemente do baixo índice de participação política das/os estudantes de ciências sociais, estas/es possuem uma forte inclinação à vida acadêmica, o que se reflete nas 79,4% e 84,4% de pessoas do bacharelado e da licenciatura, respectivamente, que responderam desejar ingressar no mestrado – seja imediatamente após a graduação ou depois de alguns anos passada a conclusão do curso. Esse dado dialoga com várias situações em que a/o cientista social se inscreve, dentre as quais vale destacar a realidade de mercado altamente competitiva e especializada, especialmente quando tratamos de cientistas sociais; além do fato de que apenas na pós-graduação que as pessoas formadas nos cursos de Ciências Sociais se especializam enquanto sociólogas/os, antropólogas/os ou cientistas

políticas/os. Porém, aqui, o que é mais relevante destacar o impacto da cultura profissional científico-acadêmica sobre a projeção de carreira das/os graduandas/os.

A socióloga Maria da Glória Bonelli (1993), aponta que, durante anos 1970, ao passo que perdia espaço para outras profissões no mercado de trabalho extrauniversitário, as/os cientistas sociais aproveitaram um momento de fortalecimento da estrutura de pós-graduação em ciências sociais no país para se especializar. Nesse processo, podemos concluir a partir de Bonelli que foi com a identidade profissional de professor/a-pesquisador/a de universidade que as/os cientistas sociais conseguiram “preservar a área de atuação intacta, mantendo o domínio do mercado e o monopólio do conhecimento” (BONELLI, 1993 *apud* FARIAS JUNIOR *et al.*, 2021, p. 124), além de garantir uma maior autonomia e respeito ao teor crítico dos seus trabalhos, conforme aponta Braga (2009).

Sob tutela dos centros universitários, o exercício da profissão de professor/a-pesquisador/a em ciências sociais possibilitou uma maior liberdade para que estas pessoas concilhassem a prática científica das ciências sociais com um engajamento político a partir dela. Esta implicação entre ciência e política, no caso das ciências sociais, faz parte da própria “base social”, já mencionada anteriormente neste trabalho, da qual ela se origina. Além disso, se de um lado, a universidade representa um ambiente propício à reflexão crítica; de um ponto de vista ainda mais prático, o fato de possuírem maior estabilidade, quando admitidas/os em instituições públicas, traz também maior liberdade e autonomia para que estas/es profissionais toquem em temas considerados “sensíveis” e/ou “partidários” sem o ônus da censura vir acompanhada de retaliações como a demissão.¹¹

O próprio Florestan Fernandes, que ajudou a consolidar um modelo de prática científica-acadêmica para as ciências sociais, taxado por muitas pessoas como “neutro”, previa a possibilidade da/o cientista social, a partir do sociologia aplicada, atuar “na dupla condição de cientista e cidadão” (COSTA e BONFIM, 2020, p. 311), participando ativamente de processos de “intervenção racional na realidade” e no planejamento social. Este tipo de capacidade está muito ligada à ideia de que o papel das ciências sociais é, de fato, fazer com que as pessoas “aprendam a refletir” e “enxerguem o mundo com outros olhos”, conforme aponta Braga (2009)

¹¹ Para fins de categorização teórica, seria possível criar uma distinção entre as/os cientistas sociais “acadêmicas/os” e aquelas/es que trabalham profissionalmente com a política, seja em cargos eleitorais, ou aquelas/es que trabalham com movimentos sociais – categorizações que se fazem presentes nas “carreiras exemplares”, já expostas neste trabalho. Poderia ser útil, ainda, distinguir as/os “militantes”, que advogam por causas sociais, mas não trabalham com política, das/os “políticas/os” profissionais. Todavia, neste momento da análise, faço uso da política de maneira ainda mais geral, como de fato uma “dimensão política” ou um “engajamento político” que atravessa o trabalho científico-acadêmico em ciências sociais de forma incontornável.

a partir da fala das suas pessoas informantes. Assim, conclui o autor, “o que se aprende durante a formação tem uma aplicabilidade restrita, porém fornece o alicerce analítico e crítico para o graduado” (BRAGA, 2009, p. 156).

Definindo-se “vocação” como “um *medium* pelo qual o indivíduo interioriza os valores, as regras e as normas da profissão, incorporando-os ao seu mundo interior e tornando-os pessoais” (PERRUSI, 2009, p. 85), pode-se pensar na forma com a qual alguns cientistas sociais orientados pela sociologia crítica/militante definem sua vocação como um “sacerdócio”: existe uma espécie de ética ou “propósito maior” pelo qual se vale a pena enfrentar, o que fica nítido no trecho do depoimento transcrito abaixo:

- Ao mesmo tempo que a gente pensa que quer largar esse curso e entrar no mercado de trabalho, a gente pensa “eu não posso largar esse curso porque eu tenho que resistir e fazer esse curso dar certo e poder mostrar o quanto que é importante as ciências sociais na comunidade e na vida social. (Informante 9)

Segundo uma das definições de “sacerdócio”, presentes na versão online do Dicionário Michaelis¹², conceitua-se sacerdócio como “missão ou profissão que se leva muito a sério diante do devotamento que demanda”. Assim, pondo em parênteses toda a carga religiosa que o termo carrega, a relação de afastamento à noção comum de profissão justifica a afirmação de que “a sociologia não é uma profissão como outra qualquer” (MARINHO, 1987, p. 227 apud BRAGA, 2011, p. 105) dado que há princípios emancipatórios muito caros no cerne do fazer sociológico; ela é, de fato, um “artesanato intelectual” (MILLS, 2009) ou um “esporte de combate”¹³ (LUTAS SIMBÓLICAS, 2015) com o qual pode-se trabalhar, desde que em prol da mudança social.

4.3.2 A ciência social “vendida” ou “inventiva”

- A gente que trabalha muito no ramo de fora, meio que a gente tem que se reinventar às atualidades – sem esquecer preceitos acadêmicos, claro. Diferente do acadêmico, [...] ele não pega aquele conceito rígido de tempos atrás, mas vai especificar e destrinchar na realidade. Ele [o acadêmico] fica preso àquela estrutura acadêmica, àquela rigidez acadêmica. O cientista social acadêmico é muito fechado e rígido, ele precisa se abrir mais. (Informante 7)

¹² Ver <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=sacerd%C3%B3cio>. Acessado em 07/02/2023.

¹³ O termo em questão é título do documentário “A sociologia é um esporte de combate” (2001), do diretor francês Pierre Carles, o qual acompanha durante três anos durante três anos (1998-2001) o sociólogo Pierre Bourdieu em palestras, manifestações e entrevistas, de modo a documentar suas posições teóricas e seu processo de criação. O título deriva da fala de Bourdieu em uma das entrevistas de rádio que compõe o documentário, onde o sociólogo expõe sua visão da relação entre ciência (mais precisamente, a sociologia) e o campo político, apontando para o potencial da sociologia em desvelar as desigualdades e proteger os espoliados das classes dominantes.

Desde a publicação do texto “A mal-assumida profissão de sociólogo” (1984), tantas vezes aqui mencionado, poucos trabalhos se dedicaram de forma extensiva aos principais destinos ocupacionais extrauniversitários das pessoas formadas em Ciências Sociais. E, embora em Durand (1984), já encontramos descritas os cinco principais eixos para atuação de cientistas sociais no mundo do trabalho a saber: “1. pesquisa comercial; 2. magistério secundário; 3. magistério superior (e para muitos pesquisa acadêmica); 4. postos no aparelho do Estado; e 5. meios de comunicação e em outras agências do campo da cultura” (DURAND, 1984, p. 76 *apud* BRAGA, 2009, p. 150), apenas em Bonelli (1993) e Braga (2009) este tópico é aprofundado.

Apesar das contribuições mencionadas acima, o mercado de trabalho extra-acadêmico ou extrauniversitário permanece sendo um “fantasma” que assombra e causa inquietação às/aos cientistas sociais em formação. Algumas das razões para essa configuração está na falta de referência na grande mídia, bem como mercado de trabalho mais aparente a este público através de anúncios de vagas, ou mesmo em vista de que, no mundo do trabalho, é mais comum que sejam acionadas identidades profissionais secundárias, relacionadas às atribuições específicas que a/o cientista social assume naquele momento (ex.: técnico social, professor/a, analista de dados etc.). Somado a isso está o fato de que as/os próprias/os docentes que ensinam nas universidades possuem, de modo geral, uma carreira de dedicação exclusiva à pesquisa e ao ensino universitário, as/os estudantes possuem grande dificuldade em visualizar possibilidades de inserção e atuação no mercado de trabalho, sobretudo privado, fato que fica demonstrado através dos trechos transcritos logo abaixo:

- *Eu tenho muita dificuldade em enxergar um mercado de trabalho em Ciências Sociais, assim... como a gente vê quando a gente vai pagar “Economia” ou “Ciência Política”.* (Informante 7)

- *[...] Eu estou no 8º período, eu nem sei quais são as possibilidades diretamente de mercado de trabalho.* (Informante 3)

- *Não existe um só caminho nas ‘CS’ [Ciências Sociais], mas também existe a falta de caminho. Quem entra/sai tem que ter isso em mente. Tem perspectiva de futuro, nem que depois você vá vender o curso. Mas a gente precisa de espaço para poder criar uma perspectiva de futuro. Acho que o que falta mais para gente se identificar com as Ciências Sociais é levar o que a gente faz dentro [da universidade] para fora, e não pegar o que já tem e ficar lá. [...] A gente não tem visão de onde trabalhar. A gente sabe com o que pode trabalhar, mas não tem visão para isso. Posso trabalhar no IBGE, beleza, mas como?* (Informante 18)

Como resultado, assistimos à formação de pesquisadoras/es de perfil eminentemente teórico (GOMES e AZEVEDO, 2017, p. 103), as/os quais, sem “uma formação técnica situada nas aplicações requeridas por um mercado extremamente competitivo e baseado em ferramentas

tecnológicas do século XXI” (FARIAS JUNIOR *et al.*, 2021, p. 126), se veem impelidas/os a direcionar suas carreiras para a reprodução dos quadros intelectuais no ensino superior, mesmo sem haver demanda real e condições de absorção de todas essas pessoas na estrutura universitária. Um ótimo exemplo dessa característica se faz presente neste depoimento:

- Não basta ser um bom profissional, você tem que ser um bom intelectual. (Informante 5)

Para solucionar a problemática até então apresentada, muitas coisas podem ser feitas: mudanças curriculares propostas em diálogo com as/os estudantes e alinhadas às demandas reais do mundo do trabalho (MORAES, 2017), iniciativas de apresentação das principais possibilidades ocupacionais para cientistas sociais, disponibilização de disciplinas de caráter mais técnico e instrumental, diálogo com pessoas egressas a fim de que palestras sobre as trajetórias profissionais inspirem estudantes da graduação, e até mesmo alteração nos critérios de contratação das/os docentes universitários a fim de que perfis com trajetória mais plural sejam contratados. Uma das saídas mais apontadas pela literatura, no entanto, é a criação de um sindicato para sociólogas/os, entidade que representaria os interesses das pessoas formadas em Ciências Sociais. Dentre os principais ganhos em se possuir associações profissionais como um conselho da classe profissional de sociólogos (ou cientistas sociais) está na possibilidade de construir “reservas de mercado” (FREIDSON, 1996), o que na prática salvaguarda vagas, regula atribuições específicas à profissão, bem como concede maior poder de negociação na competição com outros grupos profissionais, evitando o cenário retratado no depoimento abaixo:

- A sociologia, o mercado de ciências sociais, não é limitado só para gente sabe... a gente divide com muitas pessoas: assistentes sociais, cientistas políticos, aí assim, fica muito ruim competir quando não tem uma área específica da gente, porque justamente, o curso sofre disso, o curso é muito amplo, o curso tem um conhecimento muito amplo... é uma área imensa para você atuar em um quadro que você tem que dividir com várias pessoas, entendeu? (Informante 7)

Para muitos, a regulamentação das Ciências Sociais no estatuto profissional limitaria as potencialidades emancipatórias das ciências sociais e criaria um poder corporativo indesejado. Indesejado porque, supostamente, contraria o compromisso ético das ciências sociais com a equidade, a justiça social e a democracia (DURAND, 1984). O que não parece muito claro às/aos cientistas sociais que prestam tal defesa, ou talvez não reflita seus interesses, é que a profissionalização é um recurso importante tanto para a independência financeira (BRAGA, 2009) daquelas/es que buscam na formação profissional oportunidades de inserção no mercado de trabalho, quanto para o fortalecimento da identidade profissional da/o cientista social.

Sem uma unidade profissional que lhe ofereça suporte, as/os cientistas sociais extra-acadêmicas/os tentam colocação profissional em um mercado bastante competitivo, no qual disputam vagas com psicólogas(os), economistas, assistentes sociais, cientistas políticas/os, ou mesmo com profissionais de áreas relacionadas à administração, à estatística ou à comunicação – as quais possuem maior tradição de mercado e legitimidade profissional. Assim, reinventam formas de ser e fazer ciência social, embora por vezes sejam acusadas/os de “vendas/os” conforme apura Braga (2011), sintam-se em desvantagem competitiva se comparados com profissionais de outros cursos, ou mesmo não se reconheçam fazendo ciência social, como fica evidente nos trechos que seguem abaixo:

- Por exemplo, têm coisas que são para a área de ciências sociais, mas preferem contratar um graduando em direito ou ciência política, ou de administração, para fazer uma coisa que é sociológica. Uma coisa que eu lembro muito, que o Prof. BBB¹⁴ dizia, e ainda diz, é que a gente tem que meter muito a cara e concorrer às vagas. Mas a gente não tem o perfil para concorrer a isso. Eu não tenho material e base para concorrer com a galera de economia ou administração. (Informante 18)

- [...] Eu acho que vai ser bem difícil o mercado de trabalho. A maioria dos meus colegas da Unifesp [Universidade Federal de São Paulo] já se formaram e estão trabalhando em áreas diferentes ou em áreas que não são totalmente ligadas a ciências sociais - que tem a ver, mas que não são ligadas totalmente. Tipo, tem alguns que falam que estão trabalhando com pesquisa quantitativa, mas que é a pesquisa quantitativa de mercado, então não tem muito a ver com a sociologia e tal. (Informante 9)

Ou seja, as/os cientistas sociais “de mercado” tem o grande desafio de lidar, interprofissionalmente, com a disputa por vagas com profissões de cultura profissional mais consolidada; e intraprofissionalmente, precisam se impor como destino ocupacional possível (e legítimo) para as/os cientistas sociais. Este último desafio está relacionado, tanto à falta de contato com outras possibilidades profissionais, desde a graduação; quanto a certa hostilidade dirigida pelas/os cientistas sociais acadêmicas/os. Estas/es, não obstante possuírem contato direto com as/os profissionais em formação, ainda definem as “regras do jogo” por possuírem maiores recursos para identificação profissional, alimentando assim um sentimento de “traição” (BRAGA, 2011) em quem supostamente “se vende ao mercado”.

A acepção da ciência social de mercado enquanto “ciência vendida” baseia-se em um falso conflito ético, o qual expressa julgamento moral sobre profissionais que, lícitamente e

¹⁴ O nome do/a professor/a citado/a foi ocultado e substituído por “BBB” para manter o sigilo de todos/as.

respeitando princípios éticos, como qualquer outra categoria dentro de um sistema capitalista, vende sua força de trabalho em troca de remuneração. Vai se construindo, desse modo, uma ideia de que trabalhar com ciências sociais no mercado de trabalho privado e, logicamente, ganhar dinheiro a partir disso, é uma espécie de “pecado”, pois implica em trabalhar na manutenção do *status quo*, o que expressa traição a uma classe comprometida com a mudança social. Este falso silogismo é diretamente associado à noção trabalhada na seção anterior, das ciências sociais enquanto “sacerdócio”.

Todos os fatores até então citados e problematizados compõem a desanimadora realidade das/os cientistas sociais no mundo do trabalho extrauniversitário. O retrato de Braga (2009), destaca a oportunidade de algumas vagas com boa remuneração, por exemplo, em institutos de pesquisa, os quais tendem a captar cientistas sociais por meio de contratos temporários, ou mesmo de prestação de serviços. Hoje, embora haja maior diversificação em termos de possibilidade de campos profissionais com a popularização dos cargos de analista de dados, consultor/a em diversidade, equidade e inclusão, UX Designer, entre outras novas profissões, permanece certa indefinição profissional quando se pensa nas formas de identificação profissional da/o cientista social – sobretudo no mercado privado.

Talvez, assim como levanta Braga (2009), sejam justamente essas cisões entre visões unilaterais sobre ciências sociais (a engajada *versus* a neutra ou a acadêmica *versus* a vendida) que afetem negativamente a construção da identidade profissional da/o cientista social e limite a nossa inserção no mundo do trabalho. Nesse sentido, é urgente a defesa por um modelo de profissão pautado na interlocução entre diferentes possibilidades de exercício profissional, que supere unilateralidades e busque fazer com que essa ciência, pluriparadigmática em termos epistemológicos, seja reconhecida e se reconheça também pela variedade de atividades que pode oferecer a quem escolhê-la como profissão. Assim, tomemos como dose de otimismo as falas das/os informantes transcritas abaixo, nas quais podemos observar que, sim, existem estudantes visualizando a devida importância nos mais diversos campos de colocação profissional, estando atentas/os e dispostas/os a assumir outras possibilidades de identificação profissional, que superem as unilateralidades até então expostas.

- [...] Não [se] pode ver o curso só como uma coisa de revolucionário que quer mudar o mundo. A gente também pode trabalhar de outras formas. Uma dessas formas é como eu tava falando, da pesquisa quanti[tativa], ela ensina a gente a produzir pesquisa de campo e mercado, e essas pessoas querem ignorar, querem entrar no curso para ser pesquisador teórico, não querem fazer outro tipo de pesquisa. (Informante 5).

- A gente estuda as relações - seja de classe, de raça, de gênero [...]. Então assim, se eu vou trabalhar no processo de construção civil, deveria ter um cientista social lá. Tu não vais trabalhar só com construir um prédio, tá ligado? Tu vais construir um prédio num lugar em que tem, sei lá, famílias e que tem uma galera que vive num processo cultural, num processo estrutural e que, de alguma forma, toda a vivência dela tá estruturada ali. [...] Um cientista social é responsável por isso, [...] ele tem que me dizer o que é que está acontecendo, como é que eu posso organizar, ajudar, estruturar isso de alguma forma. (Informante 8)

- Eu acho que eu vou usar o argumento da Escola de Chicago, [...] do cientista social enquanto esse pesquisador que tenta entender a sociedade para que, a partir desse entendimento, consiga ter mudanças pragmáticas na sociedade. Tipo, sei lá, tipo Prof. XXX¹⁵ aqui, que pesquisa violência e tal, e a pesquisa dele, e ele enquanto sociólogo, ajudou a desenvolver o “Pacto pela Vida”¹⁶. Então, eu vejo essa perspectiva pragmática do cientista social, de entender a sociedade para tentar melhorar, para tentar torná-la melhor. (Informante 15)

¹⁵ O nome do/a professor/a citado/a foi ocultado e substituído por “XXX” para manter o sigilo de todos/as.

¹⁶ Política de segurança pública elaborada em 2007 e implementada no estado de Pernambuco com o objetivo de prevenir homicídio e uma série de outros crimes que despertam a insegurança na população pernambucana.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente monografia objetivou analisar aspectos do perfil social das/os estudantes de graduação dos cursos de Ciências Sociais da UFPE, as suas motivações para a escolha do curso, aspirações profissionais e principais visões sobre as ciências sociais (ciência e profissão).

A partir da análise quantitativa dos dados empíricos inicialmente apresentados, a população estudada foi devidamente caracterizada de modo a revelar um perfil da/o cientista social em formação pela UFPE. Com uma diferença de 14%, o corpo discente é formado em maior número por mulheres em relação ao percentual de homens. Destas/e, a maioria, tanto entre mulheres, quanto entre homens, são de pessoas não-brancas – 66,7% e 66,3%, respectivamente. Quanto à renda, em faixas definidas a partir do salário mínimo de 2018, mais da metade do total de estudantes se concentrou entre as classes E (até 2 salários mínimos) e D (acima de 2 até 4 salários mínimos), soma que totaliza 68,3% dos casos válidos. Por fim, no cruzamento de “modalidade do curso” com “periodização”, obtivemos maiores registros, entre bachareladas/os, de pessoas do 4º ao 6º período, ao passo que, na licenciatura, os números foram mais concentrados entre o 1º e o 3º período – 39,6% e 51,5%, respectivamente.

No que tange às motivações profissionais, realizamos uma série de tabulações cruzadas e testes estatísticos a fim de verificar se o “perfil aristocrático” descrito na literatura se realizaria na população pesquisada, influenciando uma postura “indiferente” quanto à profissionalização ou mesmo garantindo maior sensação de “segurança” às/os graduandas/os com maior disponibilidade financeira. Como resultado, observamos que não existe diferença estatisticamente significativa entre a média de renda das pessoas que escolheram o curso pensando na profissionalização e aquelas que priorizavam “aumentar seus conhecimentos”; e, ao contrário do que poderia se supor, foram as pessoas das classes sociais mais vulneráveis quem apresentaram maiores expectativas com relação à integração ao mercado de trabalho – são elas as primeiras pessoas da família a ingressar na universidade, conquista que representa possibilidade de mobilidade social ascendente.

Ainda na mesma seção, partimos das diferenças entre as modalidades do curso para investigar diferenças nas expectativas de bachareladas/os e licenciandas/os em se inserir no mercado, bem como verificar se a escolha da modalidade teve como base um julgamento sobre qual curso ofereceria perspectivas mais seguras de emprego. Observando os resultados, percebemos que, independente da modalidade, as/os estudantes não se posicionem de maneira otimista frente ao mundo do trabalho, mas o curso de licenciatura é um pouco menos afetado

por essa insegurança, uma vez que, no mercado da educação, existe uma relativa noção de “para onde ir” em termos de emprego e carreira, diferentemente do bacharelado, cuja cultura profissional se historicamente se estabeleceu dentro dos limites da pesquisa científica.

Quanto aos achados sobre trabalho, carreira e profissões, vale a pena destacar que um grande percentual de estudantes afirmou desejar projetar sua carreira em dois sentidos relativamente semelhantes: 24,9% em “uma carreira acadêmica na universidade” e 22,3% em “uma carreira orientada para a pesquisa científica em instituições públicas”, reforçando a tese sugerida pela literatura de que esta inclinação se deve pela influência do próprio perfil profissional das pessoas que formam esses estudantes no ensino superior, as quais também possuem maior poder para definição do que é a “sociologia por excelência”. Ficou evidente, ainda, que a busca pelas carreiras científicas (seja dentro da universidade ou em outras instituições públicas) se entrelaça a valores caros às/aos graduandas/os: a estabilidade, uma remuneração adequada e a possibilidade permanecer se qualificando ao passo que se trabalha com um trabalho com algo que não foge ao escopo tradicional das ciências sociais.

Por fim, a última seção de análise de resultados desta monografia trabalha com visões sobre ciências sociais a fim de, através delas, investigar indícios sobre a identidade profissional da/o cientista social. Haja vista o perfil profissional generalista, as visões conflitantes sobre “o que é” e “o que faz” um/a cientista social, e as disputas intra e interprofissionais que caracterizam o cenário no qual a identidade profissional da/o cientista social, esta se desenvolve de maneira difusa e imprecisa, muitas vezes sendo mais útil acionar a atividade específica que está sendo exercida no momento para se reconhecer e ser reconhecido em termos profissionais. E, em meio à posição unilateral que enxerga no trabalho em ciências sociais um “sacerdócio”, sendo a possibilidade de trabalhar no ambiente privado uma espécie de “pecado” contra os princípios emancipadores das ciências sociais, as/os cientistas sociais são formados sem saber exatamente o que farão com o diploma em termos profissionais.

Entende-se, portanto, que a presente monografia conseguiu apresentar dados relevantes acerca das temáticas nas quais se propôs a abordar. Espero que os dados aqui interpretados sejam úteis para o desenvolvimento do campo disciplinar da “sociologia das profissões” e da “sociologia das ciências sociais”, bem como ofereçam *insights* para gestoras/es dos cursos de ciências sociais melhor atenderem às expectativas e demandas das/os estudantes. No limite, este trabalho é, também, uma forma de, a partir dos aportes que obtive na graduação em ciências sociais, intervir racionalmente e propor caminhos de mudança para enfrentar problemas reais – a começar pelos que interferem no nosso “ganha pão”.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, J. **Las teorías sociológicas desde la Segunda Guerra Mundial. Análisis multidimensional.** Barcelona: Gedisa, S. A, 1996.
- AMORIM, J. M.; PEREIRA, M. C. M.; SILVA NETO, T. E.; SILVA, M. C. R.; FONTE, E. M. M. Uso do tempo livre, lazer, preferências culturais e políticas. *In: FONTE, E. M. M. (Org.). Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE*, Editora CRV, Curitiba – Brasil, 2021, p. 83-110.
- ARENAS, P. A. R. **Os Sociólogos: Acadêmicos; Funcionários; Assessores ou Consultores?** Curitiba: Editora Appris, 2015.
- BABBIE, E. **Métodos de pesquisas de survey.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- BONELLI, M. G. **Identidade profissional e mercado de trabalho dos cientistas sociais: as ciências sociais no sistema das profissões.** Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH/Unicamp, Campinas, 1993.
- BONELLI, M. G. O mercado de trabalho dos cientistas sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 25, ano 9, p. 110-126, 1994.
- BRAGA, E. C. F. Cientistas sociais extra-universitários: identidade profissional no mercado da pesquisa. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.14, n.26, p.141-167, 2009.
- BRAGA, E. C. F. Novos elementos para uma sociologia dos cientistas sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 26, n. 76, 2011;
- COLLINS, R. **Quatro Tradições Sociológicas**; tradução de Raquel Weiss – Coleção Sociologia. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.
- COSTA, D. V. A.; BOMFIM, E. R.. O papel político do sociólogo na América Latina: Diálogos entre Fals Borda e Florestan Fernandes. **Estudos de Sociologia**, Recife, 2020. vol. 2, n. 26, p. 279-35.
- DUBAR, C. A construção de si pela atividade do trabalho: a socialização profissional. **Cadernos de Pesquisa**. vol. 42, n.146, p.351-367, 2012.
- DURAND, J.C. A mal assumida profissão do sociólogo. **Revista de Administração de Empresas (FGV)**. Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, 1984.
- FARIAS JÚNIOR, L. F.; PEREIRA, T. K. S.; SALGADO; M. L. T.; FONTE, E. M. M. Estratégias de profissionalização e aspirações profissionais. *In: FONTE, E. M. M. (Org.). Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE*, Editora CRV, Curitiba – Brasil, 2021, p. 111-132.
- FERNANDES, F. **A Sociologia no Brasil.** Petrópolis: Editora Vozes, 1976.
- FIGUEIREDO, F. F. **Educação superior e mobilidade social: limites, possibilidades e conquistas.** 2006. 242 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2006.
- FONTE *et al.* **Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE.** 1 ed. Curitiba: Editora CRV, 2021.
- FONTE, E. M. M. Introdução. *In: FONTE, E. M. M. (Org.). Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE*,

Editora CRV, Curitiba – Brasil, 2021, p. 13-20.

FREIDSON, E. Para uma análise comparativa das profissões: a institucionalização do discurso e do conhecimento formais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, ano 11, n.31, p.141-154, 1996.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W. e GASKELL, George (eds.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som. Um manual prático**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002, p. 64-89.

GONÇALVES, C. M. Análise sociológica das profissões: principais eixos de desenvolvimento. Sociologia, **Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**, v. 17, n. 1, p. 177-223, 2007.

HASENBALG, C. **Discriminação e Desigualdades Raciais no Brasil**. 2ª Edição. Belo Horizonte, Editora UFMG, 2005.

KUHN, T. S. **A Estrutura das Revoluções científicas**. 11ª Edição, São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

LIMA, R. E. L. Pesquisa, ensino e relações interculturais: os professores franceses no Brasil. **O Eixo e a Roda** (UFMG) , v. 18, p. 175-189, 2009.

LUTAS SIMBÓLICAS. **A Sociologia é um Esporte de Combate (Multi-Lendas)**. YouTube, 22 de outubro de 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=PFejoCxHA0w>>. Acesso em: 07 de fev de 2023 às 12:05.

MICELI, S. **A História das Ciências Sociais no Brasil**. vol. 1. São Paulo: IDESP, 1989.

MILLS, C. W. **Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2009.

MORAES, A. C. Curso de Ciências Sociais: currículo, mercado e formação docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 17-32, 2017.

MUNANGA, K. A difícil tarefa de definir quem é negro no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 51-56, 2004.

NASCIMENTO, L. G.; CUNHA, D. M. V.; FONTE, E. M. M. Caracterização da população estudantil pesquisada. In: FONTE, E. M. M. (Org.). **Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE**. Editora CRV, Curitiba – Brasil, 2021, p. 33-49.

PERRUSI, A. F. A. Vocação, identidade e individualismo. **Política & Trabalho (UFPB. Impresso)**, v. 27-30, p. 27-44. 2009.

TORINI, D. M. **Formação e identidade profissional: a trajetória de egressos de Ciências Sociais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – FFLCH - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

VALENTE JUNIOR, C. L. D.; SILVA, D. A.; FONTE, E. M. M.; WANDERLEY, L. L. Motivações para a escolha do curso, trajetória e vivência acadêmica. In: FONTE, E. M. M. (Org.). **Perfil social, aspirações e motivações profissionais de estudantes de graduação em Ciências Sociais da UFPE**, Editora CRV, Curitiba – Brasil, 2021, p. 51-81.

WERNECK VIANNA, L. W.; CARVALHO, M. A. R. de; MELO, M. P. C. **Cientistas Sociais e Vida Pública: o estudante de graduação em Ciências Sociais**. Dados, Rio de Janeiro, v. 37,

n. 3 (número especial), 1994.

WERNECK VIANNA, L. W.; CARVALHO, M. A. R. de; MELO, M. P. C.; BURGOS, M. B. Doutores e Teses em Ciências Sociais. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 3, 1998.

WERNECK VIANNA, L. W. L.; CARVALHO, M. A. R. de; MELO, M. P. C. As Ciências Sociais no Brasil: a formação de um Sistema Nacional de Ensino e Pesquisa. **Boletim Informativo e Bibliográfico de Ciências Sociais – BIB**, n. 40, 1995.

YUNG, Tauvana da Silva. **Peguei o diploma, e agora? Desafios, dilemas e estratégias de inserção ocupacional de jovens recém-graduados em Ciências Sociais**. Dissertação (Mestrado em Sociologia), ICS - Universidade de Brasília, Brasília, 2013;

YUNG, Tauvana da Silva. **Profissão sociólogo: formação, identidade e inserção no mercado de trabalho**. Tese (Doutorado em Sociologia), ICS - Universidade de Brasília, Brasília, 2020.

APÊNDICE A – MODELO DO QUESTIONÁRIO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE EDUCAÇÃO TUTORIAL (PET)

Instrumento de Pesquisa

“PERFIL SOCIAL, ASPIRAÇÕES E MOTIVAÇÕES PROFISSIONAIS DOS ESTUDANTES DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS”

INSTRUÇÕES DE PREENCHIMENTO:

1. Este questionário visa colher informações sobre o perfil sócio demográfico, trajetória escolar, vida acadêmica, satisfação com o curso, estratégias de profissionalização e aspirações e motivações profissionais, dos estudantes de graduação em Ciências Sociais (Bacharelado e Licenciatura) da UFPE, assim como, sobre as suas opiniões e atitudes em relação à aspectos culturais e participação política.
2. Todas as respostas são **confidenciais** e o preenchimento é **anônimo**.
3. Preencha individualmente.
4. A sua sinceridade nas respostas é muito importante, assim como o preenchimento de todas as questões. Porém, se não souber responder uma questão – ou não se sentir à vontade em respondê-la – deixe-a em branco.
5. Todas as questões trazem instruções de preenchimento.
6. Na maioria das questões, basta **marcar com um “O” (círculo) no número correspondente à alternativa escolhida**, dentre as alternativas de resposta.
7. Em algumas questões, o número correspondente à alternativa escolhida deve ser colocada no espaço vazio na coluna à direita.
8. Nas perguntas que não tem alternativas de respostas você deve preencher o espaço vazio na coluna à direita.
9. Caso precise mudar a sua resposta, não se esqueça de anular completamente a resposta anterior.
10. O tempo de preenchimento é de aproximadamente 40 minutos.
11. Ao finalizar o preenchimento, deposite o questionário no envelope que se encontra no local que foi indicado pelo supervisor.
12. Sua contribuição é muito importante para essa pesquisa e nos auxiliará a compreender questões importantes para os cursos de Ciências Sociais.

Agradecemos sua colaboração!

Em caso de dúvidas, por gentileza, consulte nosso supervisor.

1		Número de identificação do questionário
---	--	---

A) DADOS SÓCIO DEMOGRÁFICOS		
02		Gênero: 1. Masculino; 2. Feminino; 3. Outro (especificar):
03		Qual a sua idade (em anos completos)?
04		De acordo com as categorias utilizadas pelo IBGE, como você se identifica em termos de raça/cor? 1. Branco; 2. Pardo; 3. Preto; 4. Amarelo; 5. Indígena.
05		Qual é a sua religião? 1. Católica; 2. Evangélica/Protestante; 3. Espírita; 4. Umbanda / Candomblé; 5. Judaica; 6. Muçulmana; 7. Santo Daime/União do Vegetal; 8. Ateu; 9. Agnóstico/nenhuma religião em particular; 10. Outra (especificar):
06		Você pratica sua religião? 1. Sim, regularmente; 2. Sim, apenas em eventos especiais; 3. Não; 4. Não tenho religião/sou ateu.
07		Qual sua atual situação conjugal / estado civil? 1. Solteiro(a); 2. União estável / vive junto; 3. Casado(a); 4. Separado(a) / Divorciado(a); 5. Viúvo(a).
08		Em que cidade você vive? 1. Recife; 2. Jaboatão dos Guararapes; 3. Olinda; 4. Paulista; 5. Camaragibe; 6. Outro(especificar):
09		Qual o principal meio de transporte que você utiliza para vir à universidade? 1. A pé; 2. Bicicleta; 3. Motocicleta; 4. Carro; 5. Ônibus; 6. Metrô; 7. Ônibus/metrô(integração); 8. Outro (especificar):
10		Condições de moradia atualmente: 1. Com seu pai e/ou mãe e/ou avós; 2. Com outros parentes ou amigos da família; 3. Divide apartamento ou casa com outros estudantes, amigos (república); 4. Em alojamento universitário da própria instituição de ensino; 5. Em vaga ou quarto (hotel, hospedaria, pensionato, etc.); 6. Sozinho (a); 7. Com cônjuge / companheiro (a); 8. Com cônjuge / companheiro (a) e filhos (as); 9. Só com filhos (as); 10. Com cônjuge e outros parentes; 11. Com seus pais e seus filhos(as).
11		Situação de moradia: 1. Casa / apartamento próprio; 2. Aluguel; 3. Hóspede ou residência cedida por parentes; 4. Outro (especificar):
12		Quanto é, em média, a sua renda familiar mensal? (estimar um valor em reais)
		R\$

Você desenvolve atualmente alguma atividade remunerada?			
Marque 1 para “sim” e 2 para “não” na coluna da direita.			
13		Bolsa acadêmica (PIBIC, PET, PIBID, PIBIT, PIBEX, etc.)	
14		Bolsa de apoio ou de manutenção acadêmica	
15		Estágio remunerado	
16		Trabalho com vínculo empregatício	
17		Trabalho informal /autônomo	
18		Outro (especificar)	
19		Se trabalha, qual a sua carga horária semanal de trabalho?	
20		Ainda em relação a renda, de acordo com as opções apresentadas, qual situação melhor descreve o seu caso? 1. Não tenho renda e meus gastos são financiados por minha família ou outras pessoas. 2. Tenho renda, mas recebo ajuda da família ou de outras pessoas para financiar meus gastos. 3. Tenho renda e me sustento totalmente. 4. Tenho renda, me sustento e contribuo com o sustento da família. 5. Tenho renda, me sustento e sou o principal responsável pelo sustento da família.	
21		Qual o nível de escolaridade do seu pai? 1. Nenhuma escolaridade 2. Fundamental incompleto 3. Fundamental completo 4. Ensino médio incompleto 5. Ensino médio completo 6. Superior incompleto 7. Superior completo 8. Pós-graduação incompleta 9. Pós-graduação completa 97. Não sei	
22		Qual o nível de escolaridade da sua mãe? 1. Nenhuma escolaridade 2. Fundamental incompleto 3. Fundamental completo 4. Ensino médio incompleto 5. Ensino médio completo 6. Superior incompleto 7. Superior completo 8. Pós-graduação incompleta 9. Pós-graduação completa 97. Não sei	
23		Qual a ocupação/profissão de seu pai?	
24		Qual a ocupação/profissão de sua mãe?	

B) FORMAÇÃO PRÉ-UNIVERSITÁRIA			
25		Em que unidade da federação você concluiu o ensino médio?	
		1. Acre; 2. Alagoas; 3. Amazonas; 4. Amapá; 5. Bahia; 6. Ceará; 7. Distrito Federal 8. Espírito Santo; 9. Goiás; 10. Maranhão;	11. Minas Gerais; 12. Mato Grosso do Sul 13. Mato Grosso; 14. Pará; 15. Paraíba; 16. Pernambuco; 17. Piauí; 18. Paraná; 19. Rio de Janeiro; 20. Rio Grande do Norte;
26		Em que tipo de escola você cursou o ensino médio?	
1. Todo em escola pública; 2. A maior parte em escola pública; 3. A maior parte em escola particular; 4. Todo em escola particular, sem bolsa de estudo; 5. Todo em escola particular com bolsa de estudo.			
27		Que tipo de curso de ensino médio você concluiu?	
1. Ensino médio tradicional; 2. Profissionalizante / Técnico; 3. Educação de Jovens e Adultos (EJA) / Supletivo; 4. Outro (especificar):			
28		Você cursou a disciplina “Sociologia” durante o ensino médio?	
1. Sim; 2. Não.			
C) FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA – CIÊNCIAS SOCIAIS			
29		Indique o curso ao qual você está vinculado:	
1. Bacharelado em Ciências Sociais; 2. Licenciatura em Ciências Sociais			
30		Ano de ingresso curso?	
31		Em que período do curso você se encontra? (Se tem dúvidas com relação à periodização do curso, consulte ofolheto que vai anexo a este questionário)	
32		Você ingressou no curso através do sistema de cotas?	
1. Sim; 2. Não			
33		Esse é seu primeiro/único curso de graduação?	
1. Sim, é o primeiro que estou cursando; 2. Não, já iniciei outro curso / frequento outro curso, mas não me graduei; 3. Não, já sou graduado.			
34		Caso frequente ou tenha frequentado outro(s) curso(s), indique o curso que concluiu ou o com maior tempo de vínculo.	
Por que optou pelo curso de Ciências Sociais?			
Responda utilizando os seguintes códigos na coluna da direita:			
1. Muito importante; 2. Teve influência; 3. Irrelevante; 4. Não se aplica			

35		Era sua vocação e primeira opção
36		Era o que mais se aproximava do que você queria
37		Não foi a primeira opção, mas, não conseguiu entrar no curso de sua preferência
38		Parecia oferecer alternativas mais variadas de emprego
39		Parecia oferecer perspectivas mais seguras de emprego
40		Queria aumentar seus conhecimentos, não estava preocupado em se profissionalizar nessa área.
41		Era o melhor para conseguir logo seu diploma universitário
42		Outra razão (especifique):
43		Você está satisfeito com a escolha do curso de graduação em Ciências Sociais? 1. Muito; 2. Muito; 3. Médio; 4. Pouco; 5. Nada
44		Ainda em relação ao curso de graduação em Ciências Sociais: 1. Pretendo concluir; 2. Já pensei em abandonar ou trancar matrícula; 3. Não pretendo concluir, desejo ingressar em outro curso (especifique o curso):
45		Já trancou a matrícula ou interrompeu o curso alguma vez? Se sim, por que motivo? 1. Não; 2. Sim, por necessidade de trabalhar; 3. Sim, por desinteresse no curso; 4. Sim, por motivo de viagem ou férias prolongadas; 5. Sim, por problemas pessoais (saúde, maternidade); 6. Sim, outro (especificar):
46		Alguma vez foi reprovado em componentes curriculares do curso (disciplinas)? 1. Não; 2. Sim, uma única vez; 3. Sim, duas ou três vezes; 4. Sim, mais de três vezes.
47		Como você avalia a exigência do curso? 1. Não exige; 2. Exige pouco; 3. Regular; 4. Exige na medida certa; 5. Exige muito.
Que fatores prejudicam seus estudos?		
Responda as questões abaixo utilizando os seguintes códigos na coluna da direita: 1. Muito; 2. Pouco; 3. Nada; 4. Não se aplica		
48		Dificuldade de conciliar os estudos com o trabalho ou outros compromissos
49		Falta de recursos financeiros para livros e outros materiais de estudo
50		Dificuldades decorrentes de ter se transferido de outro curso
51		Falta de base, em geral, para acompanhar o curso
52		Pouco interesse despertado pelo programa do curso
Responda as questões abaixo utilizando os seguintes códigos na coluna da direita: 1. Péssima; 2. Ruim; 3. Regular; 4. Boa; 5. Muito boa.		
53		Qual sua opinião acerca dos métodos e técnicas de ensino dos professores?
54		Qual sua opinião acerca dos métodos e técnicas de avaliação dos professores?
55		Como você definiria a acessibilidade aos professores fora de sala de aula.

56		Qual sua expectativa de integração ao mercado de trabalho?
Em relação aos programas citados abaixo, se fez ou faz parte de algum deles (como bolsista ou voluntário), como você avalia a contribuição do(s) programa(s) para sua formação? Responda utilizando os seguintes códigos na coluna da direita: 1. Irrelevante; 2. Pouco relevante; 3. Médio; 4. Relevante; 5. Muito relevante; 6. Não participei ou participo do programa.		
57		PIBIC
58		PET
59		PIBID
60		Bolsa de Extensão
61		BIA (Bolsa de Incentivo Acadêmico)
62		Monitoria
63		Bolsa de apoio acadêmico
64		Mobilidade internacional (País?)
65		Mobilidade nacional (Estado?)
66		Estágio intramuros (interno)
67		Estágio extramuros (fora da UFPE)
68		Outro (especifique)
Você faz ou já fez algum curso de formação complementar dentre os indicados abaixo? Marque 1 para “sim” e 2 para “não” na coluna da direita.		
69		Curso Técnico (especifique):
70		Curso Profissionalizante (especifique):
71		Formação artística (especifique):
72		Outro (especifique):
73		Se frequentou ou frequenta algum curso de línguas, indique o que estudou mais tempo: 1. Inglês; 2. Espanhol; 3. Francês; 4. Alemão; 5. Italiano; 6. Não; 7. Outra língua estrangeira (especifique):
74		Exceto os livros indicados na bibliografia do seu curso, aproximadamente quantos livros você leu no último ano?
75		Nos últimos dois anos, a quantos eventos tais como seminários, simpósios e encontros acadêmicos você foi, aproximadamente?
76		Com que frequência, por iniciativa própria, você costuma buscar artigos científicos em revistas e/ou periódicos especializados: 1. Nenhuma; 2. Pouca frequência; 3. Médio; 4. Frequente; 5. Muito frequente.
77		Você tem alguma publicação ou já tentou publicar artigos autorais em livros, coletâneas, revistas ou periódicos da área? 1. Tenho publicações; 2. Não tenho, mas já tentei publicar; 3. Nunca tentei publicar.
D) ESTRATÉGIAS DE PROFISSIONALIZAÇÃO		
78		Qual a área de especialização de sua preferência? 1. Antropologia; 2. Sociologia; 3. Ciência Política; 4. Educação; 5. Outra área; 6. Não desejo me especializar; 97. Não sei.

79	Caso esteja trabalhando, a graduação lhe trará algum benefício para o seu atual emprego? 1. Sim, serei imediatamente beneficiado; 2. Sim, terei novas possibilidades de ascensão profissional; 3. Pouco; 4. Não; 5. Não estou trabalhando.
80	Pretende participar de algum concurso público? 1. Sim, desde que na área das Ciências Sociais; 2. Sim, sem restrições; 3. Não; 97. Não sei.
81	Pretende ingressar no mestrado? 1. Sim, imediatamente após a graduação; 2. Sim, alguns anos após a graduação; 3. Já curso o Mestrado; 4. Não; 97. Não sei.
82	Pretende trabalhar em pesquisa? 1. Sim; 2. Não; 97. Não sei
83	Prevê a inscrição futura em algum programa de Doutorado? 1. Sim; 2. Não; 3. Já curso o Doutorado; 97. Não sei.
84	Dentre as carreiras de Cientistas Sociais, caso fosse possível escolher, <u>qual a de sua preferência?</u> 1. Uma carreira com uma forte orientação para a vida pública e pela participação nos debates políticos (Senador, deputado, liderança de partidos políticos); 2. Uma carreira orientada para a pesquisa científica, em instituições públicas; 3. Uma carreira dirigida para as oportunidades de mercado, oferecendo serviços, tais como pesquisas de opinião e diversos tipos de consultoria; 4. Uma carreira acadêmica na Universidade (gestão de políticas acadêmicas, ensino, pesquisa e extensão); 5. Uma carreira dirigida para os movimentos sociais (assessoria), com intervenção prática em diversos tipos de organizações: sindicais, feministas, ecológicas, etc.; 6. Uma carreira de dedicação ao ensino, como professor do ensino médio; Uma carreira dedicada à produção de ensaios, livros e artigos, realizando o papel de divulgação cultural que ultrapasse os estreitos limites do público universitário.
85	<u>Uma vez formado, qual o aspecto que mais pesaria para a aceitação de uma possível oferta de emprego?</u> 1. O nível salarial; 2. Emprego que ofereça estabilidade; 3. Possibilidade de ascender no emprego; 4. Um trabalho que exija ou desafie sua capacidade intelectual; 5. Um volume de trabalho bem definido e que deixe tempo livre; 6. Possibilidade de concretização de ideias próprias; 7. Chances de ter influência política; 8. Chances de continuar se qualificando; 9. Possibilidade de assumir funções de direção; Independência, não estar subordinado a ninguém.

E) HORAS LIVRES, LAZER, PREFERÊNCIAS CULTURAIS E POLÍTICAS		
86		Desenvolve alguma atividade artística? Qual a principal? 1. Música, estudo/toco um instrumento/participo de um conjunto musical; 2. Teatro, estudo/participo de um grupo teatral; 3. Cinema/Vídeo, estudo/participo de uma equipe; 4. Desenho/Pintura/Artes Plásticas; 5. Escrita (Conto, poema, etc.); 6. Não desenvolvo; Outra (especifique):
87		Atualmente, de quantas horas livres você dispõe em média por semana nos dias úteis(sem contar as horas de sono)? 1. Nenhuma; 2. De 1 a 4 horas; 3. Mais de 4 a 12 horas; 4. Mais de 12 a 20 horas; Mais de 20 horas
88		Atualmente, de quantas horas livres você dispõe em média nos <u> finais de semana </u> (sem contar as horas de sono)? 1. De nenhuma hora; 2. De meio período em um dia; 3. De um dia inteiro; De todo meu tempo.
O que você costuma fazer em suas horas livres de trabalho ou aulas? (Sem contar as horas de sono). Responda utilizando os seguintes códigos na coluna da direita: 1. Não; 2. Raramente; 3. Às vezes; 4. Frequentemente; 5. Muito frequentemente.		
89		Participo de organizações estudantis ou movimentos sociais
90		Participo de projetos de pesquisa ou extensão como voluntário
91		Pratico atividades físicas ou esportivas
92		Estudo ou faço tarefas acadêmicas
93		Viajo ou passeio com amigos
94		Converso com amigos(as) / namorado(a)
95		Assisto TV ou vídeo/ DVD
96		Jogo videogame ou jogos de computador
97		Utilizo a internet para diversão
98		Leio por lazer ou desenvolvo atividades artísticas.
99		Desenvolvo trabalho voluntário na comunidade
100		Participo de atividades culturais (cinema, teatro, exposições, etc.)
101		Frequento bares, festas, <i>raves</i> ou danceterias
102		Não faço nada
103		Outro (especifique):
104		Você participa de alguma organização estudantil? 1. Não; 2. Sim (especifique):

105	Você participa de algum movimento social/político (exceto estudantil)? Assinale o que você participa de forma mais ativa. 1. Associação de Moradores; 2. Organização sindical; 3. Movimentos Culturais 4. Movimento LGBTQI; 5. Movimentos ecológicos; 6. Movimentos negros; 7. Movimentos feministas; 8. Movimentos liberais / Movimentos conservadores; 9. Nenhum 10. Outros (especifique):
106	Você simpatiza com algum dos partidos políticos listados abaixo? Assinale o de sua preferência? 1. PT; 2. PDT; 3. PCdoB; 4. PSOL; 5. PSB; 6. PSDB; 7. DEM; 8. MDB; 9. PP; 10. PR; 11. Nenhum; 12. Outro (especifique):
107	É ou já foi filiado a algum partido político? Assinale o <u>de afiliação atual ou o mais recente</u>. 1. PT; 2. PDT; 3. PCdoB; 4. PSOL; 5. PSB; 6. PSDB; 7. DEM; 8. MDB; 9. PP; 10. PR; 11. Nenhum; 12. Outro (especifique):

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA

1) **Dados Pessoais**

- Solicitar informações do sujeito entrevistado sobre idade, estado civil/situação conjugal, curso (Licenciatura ou Bacharelado), ano de ingresso no curso, se já concluiu outro curso de graduação ou pós-graduação, se trabalha e ocupação.

2) **Trajetória vocacional**

- Por que você escolheu ingressar em um curso superior? O que levou a escolher a UFPE?
- Qual foi o seu primeiro contato com as Ciências Sociais e como tomou conhecimento sobre o curso?
- O que levou você a fazer o curso de Ciências Sociais? (Motivação)
- E como se deu a escolha na modalidade (Licenciatura ou Bacharelado)?
- Houve alguma identificação com alguém que atue na área do curso (parentes, amigos, professores ou personalidades públicas)?
- Você cogitou fazer outro curso? Se sim, por que não fez?

3) **Trajetória no curso**

- Você está na modalidade que queria (Licenciatura ou Bacharelado)? Se não, pretende trocar?
- Em sua opinião, qual o perfil ou características que um estudante de ciências sociais precisa ter? Você acha que tem esse perfil?
- Você se sente integrado ao curso? Por quê?
- Qual o seu nível de satisfação com a realização da graduação em Ciências Sociais? Pretende concluir o curso? Se não, por quê?
- Você já participa ou pretende participar de algum programa institucional? Se já participou ou participa ou, contar como é a experiência no programa.
- Você participa ou pretende participar em algum grupo de estudo da UFPE? Se já participa, contar como é a experiência no grupo de estudo.
- Quais disciplinas do curso que você considera mais importantes para sua formação?
- Quais foram as maiores dificuldades que você encontrou para a realização do curso (ou na Universidade)?
- Qual foi a melhor e a pior coisa que lhe aconteceu no curso?
- O curso já lhe proporcionou alguma experiência profissional dentro ou fora da universidade?

4) **Mercado de trabalho e campos de atuação**

- Quais as suas aspirações pessoais e profissionais em relação ao curso?
- O que pensa da profissão de cientista social e qual a sua importância para a sociedade?
- Qual a sua expectativa e perspectiva de inserção no mercado de trabalho? Em que tipo de atividade gostaria de atuar? Você acha que o curso prepara para essa atuação?